



o MINISTÉRIO ADVENTISTA



25

SETEMBRO-OUTUBRO de 1959

Nº



“Remindo o tempo; porquanto os dias são maus.” Efés. 5: 16.



O Doador e a Intenção

A TODO o ministro surge o problema de aceitar ou rejeitar certas ofertas de membros da igreja. As dadas geralmente constituem a expressão sincera e afetiva de gratidão e amor cristãos, e o pastor compreensivo saberá quando deverá aceitá-las. Foi, porém, o sábio Salomão que sugeriu moderação no recebimento de dadas para que não haja influência corrutora sobre o homem de Deus.

O doador com intenção menos digna não deve ser acoroçado a dar e sim corrigido em seu dever. São amaldiçoados os "laços que ligam" as mãos do ministro que tenha sido amaciado pelas dadas dos que vivem em culpa. O homem que diz: "Receberei suas dadas mas reprovarei seus pecados", poderá fazê-lo consoante sua convicção, mas não falará quem perceba sua ignorância da natureza humana. — *Earl E. Cleveland.*

Pedro e João

AS vêzes temos pena de nós mesmos como obreiros na causa de Deus, julgando que nossa carga é pesada enquanto alguns colegas de ministério estão encarregados de tarefas mais agradáveis ou estão em melhor posição. Jamais se deveriam permitir a entrada de tais pensamentos em nossa mente. Se Deus quer que eu esteja nas linhas de fogo em Sua causa, e sofra angústia pela salvação de almas, devo regozijar-me. Jamais devo olhar para trás, e com desagrado ou inveja a obra de meus colegas. Deus deu a cada um um trabalho diferente, uma responsabilidade diversa. E mesmo na eternidade as coroas de alguns terão muito mais estrélas do que as de outros. Façamos nossa obra com fidelidade, obedecendo à voz do Espírito Santo. Que cada obreiro seja responsável pelo seu serviço perante o Mestre. Esta atitude da parte do obreiro na causa de Deus trar-lhe-á maiores bênçãos e maiores resultados na salvação de almas. O servo dêste caráter receberá a gloriosa recompensa.

Lembrai-vos de como Pedro recebeu do Senhor sua comissão: "Na verdade, na verdade te digo, que, quando eras mais moço, te

cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando já fôres velho, estenderás as tuas mãos; e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queiras. E disse isto significando com que morte havia êle de glorificar a Deus. E, dito isto, disse-lhe: Segue-me". S. João 21:18 e 19. Deve ter sido para Pedro dramático o momento em que o Senhor lhe declarou sua obra e como teria êle que seguir as pegadas do Mestre, indo mesmo até à crucifixão pelo crime — consoante a concepção romana — de pregar o evangelho.

Esta ordem solene do Senhor produziu funda impressão em Pedro. Naquele momento, repentinamente viu que João o seguia, e sabendo que Jesus amava muitíssimo aquêle discípulo, perguntou: "E dêste que será?" Sentia Pedro que, se o Senhor lhe dava um encargo tão espinhoso, João deveria tê-lo também. Não pensou que lhe seria mais justo sofrer as conseqüências da pregação do evangelho, enquanto João poderia fazê-lo de modo mais fácil sob o mesmo salário. Jesus ternamente o repreendeu por causa desses pensamentos: "Se Eu quero que êle fique até que Eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu". — *Walter Schubert.*

Como Oram os Africanos

NUMA reunião de pretos cristãos na região de Quênia, África, ouviram-se as seguintes orações:

"Ajuda, Senhor, para que eu tema o pecado como se teme uma serpente. Como procuramos um pau, para esmagá-la, como procuramos uma pedra para matá-la, assim permite que eu use Tua Palavra, quando o tentador se aproximar de mim."

"Vê, Senhor, eu sou como um facão enferrujado, com o qual não se pode mais cortar os arbustos. Manchas de ferrugem roem o corte. Pedras duras o tornaram cego. Trago-Te meu facão. Tu és o grande Ferreiro-mestre! Mete-o na forja e sobre a bigorna! Torna-me um instrumento útil!"

"Senhor, eu sou como a lenha molhada. Uma fumaça desagradável sobe de minha vida, em vez de labareda brilhante. Não proporciono aos que me rodeiam calor para cozinhare, nem luz para enxergarem. Eu Te peço, faze-me como me queres!"

Noutra parte uma mulher orou: "Ó Deus, há anos que eu mostro um rosto cristão. Mas Tu, que vês o fundo do coração, Tu sabes que sou uma panela rachada, e por causa dessa rachadura, vasa depressa tudo que me dás. Sempre volto a ficar vazia. Ó Deus, quererás consertar essa rachadura? Ó não, uma panela partida não pode mais ser consertada! Faze de mim uma nova panela, que tenha passado pelo Teu fogo, antes de prestar serviço!" — *P. Wieggräbe-Lemgo (Kraft und Licht, 16-3-58).*



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Luiz Waldvogel
Redator associado — Arnaldo B. Cristianini
Colaborador especial:
J. J. Aitken

Brasil
Assinatura Anual Cr\$ 300,00
Número Avulso Cr\$ 50,00

Estrangeiro
Assinatura Anual US\$ 2,00
Número Avulso US\$ 0,35



ANO 25 No. 4

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

O Doador e a Intenção	2
Pedro	2
Como Oram os Africanos	2

ILUSTRAÇÕES

O Mar Morto.	3
Honestidade	3

ARTIGOS GERAIS

A Ciência e a Fé Religiosa — II Frank Lewis Marsh	4
A Expição na Teologia Adventista R. A. Anderson	7

PASTOREIO DO REBANHO

Quem Vos Pôs no Ministério? E. E. C.	12
A Classe dos Interessados G. R. Nash	14

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

Realismo em Nosso Evangelismo de Hoje Walter Schubert	15
"Não Fui Desobediente à Visão Celestial" Fernão Retzer	17

EVANGELISMO DA SAÚDE

Obstruções Mentais M. Dorothea Van Gundy	19
Mudanças de Obreiros W. A. Murray	21
Compreender e Resignar-se D. C. Prehier	22

CONSELHO — DO ESPÍRITO DE PROFECIA 23

NOSSA LÍNGUA

Emprêgo dos Tempos dos Verbos — II A. B. C.	24
--	----

Ilustrações

O Mar Morto

FABULOSO e quase incrível é o valor dos sais minerais que há no interior e ao redor do Mar Morto, como o estão avaliando químicos que supõem conhecê-lo. Logo que Jerusalém foi conquistada em 1917 pelo General Allenby, um geólogo britânico começou a investigar as riquezas do Mar Morto. O cientista tem em mãos um relatório pormenorizado dos vários minerais, e também a extensão e o valor deles. Somos agora informados de que naquele local desolado acha-se enterrado o valor de um trilhão e duzentos bilhões a um trilhão e trezentos bilhões de dólares de sais aproveitáveis. É-nos dito que há o valor de duzentos e sessenta milhões de dólares em bromo, de grande utilidade nos domínios médicos; de potassa há o valor de setenta bilhões de dólares; e de cloreto de magnésio há o valor de oitocentos e vinte e cinco bilhões de dólares, e grandes valores de outros minerais. É-nos dito que a riqueza que subjaz naquele solo é de maior valor do que todo o ouro que se sabe ter sido extraído das entranhas de toda a Terra. O que estes minerais podem significar para o mundo, especialmente naquele dia profético em que os desertos florescerão como a rosa, se vê no fato de que já se estão construindo jardins nas vizinhanças do mar que por si mesmo produz quase além dos mais arrojados sonhos do homem. — *Seleto.*

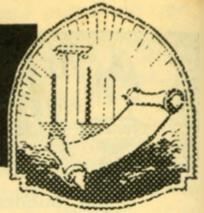
Honestidade

UMA senhora idosa, inteiramente consagrada ao serviço do Senhor, é pobre em bens deste mundo, porém rica nas coisas espirituais. É apenas uma lavadeira, mas levanta-se cedo e trabalha até tarde da noite a fim de poder dar tempo para o serviço do Senhor por meio de visitação e assim ganhar almas para seu Mestre.

Às vezes ela é contratada por uma família abastada para cuidar da casa durante as férias. Certo dia a senhora observou:

— Sra. Jones, não creio muito na doutrina da santidade que a senhora professa e de que tanto gosta de falar.

— Bem — disse a idosa cristã — a senhora sabe, patroa, que antes de eu ser admitida ao seu serviço a senhora costumava levar tudo que havia de valor aqui para um lugar seguro, mas desde que fui encarregada de tomar conta de sua casa na sua ausência, a senhora tem deixado suas coisas mais valiosas aos meus cuidados. — *Seleto*



A Ciência e a Fé Religiosa - II

FRANK LEWIS MARSH

Divisão de Pesquisa do Departamento de
Educação da Associação Geral.

NO livro clássico de Teodósio Dobzhansky, *Genetics and the Origin of Species*, segunda edição, página 8, lemos esta asserção: "Na presente geração, nenhuma pessoa informada entretém qualquer dúvida quanto à validade da teoria da evolução no sentido em que ela se tem apresentado".

Após ter lido essa afirmação, pus-me a corresponder com o Dr. Dobzhansky, e nossa discussão quanto à veracidade dessa declaração se estendeu a sete ou oito cartas cada um. Evidentemente foi o primeiro contacto que teve com um crente na criação especial, e depois do nosso debate êle sintetizou: "A crença da maioria dos cientistas de que, se alguém dispõe de dados suficientes sôbre um problema mais do que outro seja capaz de obter, e se se der ao trabalho de relacionar-se com êsses dados chegar necessariamente a determinada conclusão, é incorreta. Evidentemente pode-se ainda rejeitar a conclusão se ela é repugnante. Isto certamente requer correção da declaração da página 8 de meu livro". Prometeu que, havendo oportunidade de revisar seu livro, corrigiria esta declaração.

Foi, portanto, com inusitado interesse que compulsei a terceira edição da obra de Dobzhansky *Genetics and the Origin of Species*, logo que saiu do prelo. Eis o que li à página 11 dessa edição: "Presentemente, uma pessoa informada e razoável dificilmente pode duvidar da validade da teoria da evolução. As raríssimas exceções (como o Sr. Marsh em 1947) apenas provam que algumas pessoas têm prevenções emocionais e fortes preconceitos capazes de fazê-las rejeitar mesmo as descobertas científicas completamente estabelecidas".

Penso que diria pouco afirmando que fiquei pasmado. Escrevi novamente ao meu amigo de Nova York para protestar contra a *inveracidade* de sua declaração. Êle respondeu amavelmente, mas me pareceu com certo orgulho, magoado por me ter sentido como me senti em face de sua declaração, e assegurou-me que, na próxima oportunidade de revisão do livro, omitiria meu nome dêsse trecho. Escrevi-lhe mais uma vez, procurando tornar bem claro que meu protesto não era especificamente contra o uso de meu nome mas con-

tra a representação deturpada de todos os criacionistas. De novo lhe pedi, como o fizera várias vezes antes, que me citasse um *único caso* em que eu, como criacionista, rejeitasse "descobertas científicas completamente estabelecidas". Isto foi, porém, o final de nossa correspondência, porque não respondeu mais.

O Dr. Teodósio Dobzhansky é professor de zoologia na Universidade de Colúmbia, um dos nossos geneticistas da mais elevada classe e principal defensor da evolução em nossos dias. Sua asserção de que uma pessoa, para ser criacionista, precisa rejeitar "descobertas científicas completamente estabelecidas" é de grande influência não sômente entre as massas como também entre os cientistas. O Dr. Dobzhansky é homem sincero, mas como ocorre com a maioria de outros evolucionistas, deixa de perceber a grande diferença que há entre a *verdadeira ciência* e a *filosofia da ciência*.

Para os gregos que viveram antes do nascimento de Cristo, a filosofia e a ciência eram uma só coisa, e na Idade Média ambas estavam amarradas à religião e mantidas numa condição estática por séculos. Dizemos que a ciência não podia progredir no decorrer da Idade Média devido ao dogmatismo estreito da Igreja Católica, que mantinha sua influência embrutecedora mediante uma eficaz boicotagem econômica contra qualquer que ousasse expressar idéias contrárias aos aberrantes dogmas científicos conservadores da Igreja. O movimento da Renascença, com o desenvolvimento do método experimental de estudar a Natureza, conduziu a uma separação gradativa da ciência e da filosofia, e elas, por sua vez se separaram da religião. A ciência, que era então chamada filosofia natural, passou a ser baseada na dinâmica de Newton, enquanto os seguidores de Kant e Hegel libertaram a filosofia idealista da Metafísica. No século dezoito e no começo do dezenove, a ciência passou a ser considerada como divisão da Filosofia denominada *Filosofia Natural*, significado ainda mantido no grau acadêmico de "Doutor em Filosofia", que ainda se concede a pessoas que fizeram curso totalmente nos domínios das ciências naturais empíricas.

Os cientistas de nossos dias falam de modo muito depreciativo do que era ensinado sob o nome de ciência durante a Idade Média. Era a época dos escolásticos; época do culto extremo da autoridade em tudo. O estudo direto da Natureza era desencorajado como sendo anticristão e o tempo reservado ao estudo da ciência era gasto meditando sobre tomos escritos por homens como Aristóteles e Galeno, e em estudar as asserções dos mestres escolásticos. Qualquer interrogação no espírito do aluno acerca da verdade de um ponto científico era sufocada por uma declaração altiva e conclusiva: "Disse-o o mestre". A opinião dos mestres escolásticos era final em determinar o que era correto e incorreto. Certamente os cientistas de nossos dias se justificam plenamente quando julgam que a época da autoridade foi um tempo em que o avançamento da verdade científica ia a passos de tartaruga.

Com demasiada freqüência, porém, entre os cientistas modernos encontramos de novo grave confusão de espírito sobre o que pertence à ciência e o que pertence à Filosofia, e como resultado desta confusão vemos certos cientistas exigindo hoje a mesma espécie de acatamento à autoridade que produziu a estagnação da ciência e mutilou a liberdade individual de opinião durante a Idade Média. Encontram-se exemplos de Dobzhansky, atrás referida de que um criacionista, para justificar sua posição científica, tem que rejeitar descobertas científicas completamente estabelecidas; e na seguinte declaração que encontramos no novo tratado de Biologia Geral do Dr. Gordon Alexander: "A evolução orgânica está plenamente provada como a maior parte dos princípios científicos. As provas da evolução não são apenas suficientes; são esmagadoras. O fato da evolução orgânica constitui parte do pensamento de toda pessoa que se preza de ser biólogo. Desta forma, não há controvérsia entre os biólogos quanto à existência do processo, embora haja alguma divergência quanto aos métodos pelos quais êle ocorre". — *General Biology*, pág. 808 (grifos supridos).

Assim, na opinião destes dois preeminentes biólogos, Dobzhansky e Alexander, os cientistas criacionistas são taxados respectivamente de anticientíficos e incorretos. Esta confusão de conceito, mesmo entre figuras exponenciais da ciência, surge quando o homem, no seu pensar, deixa de distinguir entre ciência e filosofia. Os adventistas fazem uma contribuição positiva neste ponto ao demonstrarem onde se situa esta confusão.

O escopo da ciência natural empírica, consoante definição dos próprios cientistas, é o campo restrito do conhecimento que se vale de dados objetivos, medíveis e demonstráveis de nossa experiência. Limita-se a dados sensíveis, isto é, evidências sujeitas e dependentes dos processos *sensoriais* de nossa experiência. É importante ter-se em mente que os dados da ciência empírica são como externos à ação mental e independentes dela. Eles são apenas anotados e registrados quando obser-

vados. Estes caracteres científicos da ciência seu objetivo e verificação indicam a mesma. Nenhum coeficiente pessoal ou produção nacional podem penetrar na objetividade de seus dados. Têm que ser anotados e registrados por aquilo que se manifestam ser. O cientista de laboratório é exato em sua profissão e leal à verdade somente quando registra o que observa sob as circunstâncias indicadas. Esta é a ciência empírica, demonstrável, verdadeira.

A maioria dos evolucionistas de nossos dias confundem a ciência empírica com a ciência especulativa. Evidentemente isto ocorre por deixarem de reconhecer o fato de que a prova científica é de duas espécies: a coerciva e a persuasiva. A prova coerciva é de natureza que pode ser demonstrada; ninguém pode duvidar dela porque é óbvia e verdadeira. Podíamos ilustrar com a prova de que vivemos numa Terra redonda. Devido à prova de que nossa Terra é redonda ser tão conclusiva, que não admite outra explicação, dizemos que é prova coerciva. A ciência empírica consiste de tais provas. Podemos acrescentar exatamente aqui o pensamento de que evidentemente não existe nenhuma prova coerciva que apoie diretamente o problema da origem das espécies básicas de plantas e animais.

E para ilustrar a segunda espécie de prova, ou seja a chamada persuasiva, tomemos a estrutura óssea dos membros dianteiros dos animais vertebrados. No braço do homem encontramos o úmero, o cúbito e o rádio. Do mesmo modo, no membro dianteiro do cavalo, da vaca, do porco, do gato, do cão, da baleia, do morcêgo, da tartaruga, do pássaro e, na verdade nos membros dianteiros de todos os vertebrados que têm membros, encontramos o úmero, o cúbito e o rádio. Suponhamos que diante de nós se coloque uma mesa e sobre ela se estendam os ossos articulados dos membros dianteiros destes vertebrados. Eis uma prova objetiva de natureza coerciva: de que os membros dianteiros de todos os vertebrados possuem um úmero, um cúbito e um rádio. Tanto o evolucionista como o criacionista concordam neste ponto porque ambos vêem a prova com os olhos e a apalpm com as mãos. Na verdade, todos os invertebrados que tenham pernas dianteiras, têm estes três ossos.

Neste ponto, porém, termina a ciência empírica. O evolucionista avança para a mesa, contempla aquela material e diz: "Eis a prova de que todos estes animais evoluíram através dos mesmos antepassados primitivos." O criacionista analisa os objetos que se acham sobre a mesa e diz: "Eis a prova de um Criador com um plano estabelecido, evidência que comprova a verdade de um Gênesis literal." Qual o cientista que está certo? Esta é uma indagação que a ciência empírica ou real não pode responder. Prova desta espécie, suscetível de explicações de, pelo menos, dois pontos-de-vista, é denominada prova persuasiva.

É fato de extraordinária importância que cada ponto da prova que apoia diretamente o problema das origens é da natureza persuasiva. Os evolucionistas alinham muitos pon-

tos de prova, dos campos da taximonia, morfologia, embriologia, fisiologia, paleontologia, distribuição geográfica, genética, etc., mas, ao fazerem isso, deixam estranhamente de notar que *nenhum ponto* desta prova é de natureza coerciva. Ao contrário, como no exemplo dos ossos dos membros superiores dos vertebrados cada caso é suscetível de explicação de, pelo menos, dois modos.

O criacionista precisa ser enérgico em fazer o mundo saber que aceita *todo* ponto de descobertas científicas completamente estabelecidas. Ele aceita todo ponto porque se as descobertas científicas são completamente estabelecidas então são de natureza coerciva; isto é, são empíricas, reais, demonstráveis, e como tais estão em harmonia com as declarações literais da inspirada Palavra de Deus. O Autor dos fatos da ciência natural empírica e das Escrituras é o mesmo Deus.

Quando cientistas como Dobzhansky chegam a crer que os criacionistas, a fim de manterem sua teoria intacta, rejeitam descobertas científicas completamente estabelecidas, estão confundindo os dois níveis de ciência. Confundem a ciência empírica, que existe no nível baixo do domínio do demonstrável, com os mais nebulosos níveis superiores de ciência, que não é de natureza coerciva mas especulativa ou filosófica. Quando os cientistas não são capazes de distinguir entre a prova coerciva, real e explicações especulativas, a ciência sofre nova queda e seu futuro é na verdade sombrio. Um tal estado de coisas constituiria uma segunda Idade Média.

A triste situação a que caíram tantos cientistas de nossos dias resultou de sua recusa em aceitarem as Escrituras como o Livro-guia do homem. No remoto século dezoito e especialmente no dezenove, as ciências empíricas firmaram-se por si mesmas, seguiram seus próprios dados e eriram sua própria metodologia. As ciências tornaram-se crescentemente orgulhosas de suas consecuições na esfera natural de operação. Tornaram-se arrojadas em fazer pronunciamento sobre questões filosóficas e religiosas. Dêsse modo, as ciências abandonaram a legítima esfera do nível empírico e penetraram no cientifismo, no qual as ciências pretendem para si mesmas toda a esfera do conhecimento humano. Na opinião dos cientistas, a *fé religiosa*, longe de ser considerada uma fonte de conhecimento, se torna quando muito um *asilo para a ignorância*.

Muitos cientistas de nossos dias, tendo pouco ou nenhum respeito pela Bíblia como livro inspirado, e crendo na natureza autônoma do espírito humano, pretendem para suas pesquisas mais do que os dados e as circunstâncias permitem. Trazem para seus dados uma estrutura de pensamento que os leva a uma interpretação não contida nos próprios dados. Trabalham sobre pressupostos que têm significações determinantes para suas conclusões, a ponto de suas pesquisas, não raro, os levarem muito além das conclusões justificadas pelos seus estudos.

O cientista que opera na esfera da ciência

empírica obtém os mesmos resultados, seja ele comunista, maometano ou cristão. A divergência ocorre no nível especulativo, e o estudante de ciência que não é cristão deixará de reconhecer sua relação com o Criador, e, em lugar dessa relação consciente, porá uma autonomia que condicionará sua interpretação de acordo com esta atitude.

Na verdade, os resultados da ciência empírica consistirão de uma relação de fatos observados, medidos, e demonstrados, que por si pouco podem fazer em ajudar o homem a entender o mundo em que vive. Estes fatos podem ser tratados em nível mais elevado e especulativo, classificados e incluídos em generalizações que tornarão as coisas naturais razoáveis, compreensíveis e suscetíveis de novas investigações. O cientista não-cristão, com sua falsa confiança na autonomia do espírito humano, é qual navio ao mar com as velas pandas de vento forte, mas sem mapa, bússola nem leme. Seu grito acadêmico é: "Deixar os fatos seguirem para onde que-rem!" e avivado pelo deus do engano, chega a concluir que estes fatos indicam que a Bíblia não é um livro inspirado.

O adventista estudioso da ciência, porém, compreende que os fatos não seguem para onde querem, em qualquer mente. Ao contrário, a *estrutura do pensamento dirige os fatos*. Por conseguinte, crendo que a Bíblia é um livro que contém aqueles pontos básicos de informação essencial ao homem na construção de uma filosofia correta, o adventista estudioso da ciência lança seus fundamentos nas asserções do Escrito Santo. E neste nível mais elevado da ciência — o nível especulativo — que evolucionistas e criacionistas se separam. Ambos aceitam todos os fatos da ciência empírica ou estabelecida, mas ao decidirem sobre o significado destes fatos demonstráveis eles têm que — como cavalheiros — concordar em discordarem.

O que é lamentável é que um cientista averbe outro cientista de anticientífico apenas porque o último, nos domínios da ciência especulativa ou persuasiva, chega a conclusão diferente. Os evolucionistas hodiernos estabeleceram suas próprias opiniões como autoridade no terreno do persuasivo, e imitando o exemplo infeliz dos escolásticos dogmáticos da Idade Média, declaram que qualquer opinião divergente é herética e anticientífica. A menos que os cientistas modernos possam aclarar seu pensamento com relação à enorme diferença entre ciência real e ciência especulativa, a descoberta da verdade natural descerá para uma segunda Idade Média, e o roufenho brado: "Disse-o o mestre" ecoará lúgubremente de novo das paredes do cárcere da ciência natural.

O estudante criacionista da Natureza experimenta grande satisfação em construir sua filosofia da Natureza sobre as afirmações da Bíblia. É somente à luz destas grandes verdades que a Natureza animada e inanimada pode hoje ser entendida. Somente à luz da criação, é que hoje se podem entender o aspecto da Natureza e a entrada do pecado, o conflito entre Cristo e Satanás, e a

redenção unicamente pela morte de Cristo. O adventista compreende as leis e processos naturais como sendo manifestações do poder de Deus. Deus instituiu estas leis e processos no princípio, e desde aquele tempo serviu-Se delas como instrumento para a ma-

nutenção do mundo natural. O grande biólogo Luiz Pasteur disse: "Oro enquanto trabalho no meu laboratório." O adventista aproxima-se da Natureza com a mesma reverência, pois não é seu inteiro objetivo e esforço pensar os pensamentos de Deus?

A Expição na Teologia Adventista

R. A. ANDERSON

Departamental da Associação Ministerial da Associação Geral.

TUDO que sabemos acêrca de Deus e de Jesus Cristo está envolvido na expiação. Portanto, é impossível dar uma explicação plena dêste assunto nestas duas breves apresentações. E quanto mais estudamos a expiação, mais maravilhosa ela se nos torna. Não podemos entendê-la mais do que explicar o mistério da electricidade ou a força da gravidade. Tampouco pode alguém ter alguma concepção exata dêste grandioso tema, e deixar de reconhecer a divindade de Cristo, os incidentes da encarnação e a natureza humana e sem pecado de nosso Senhor e a fundamental provisão da justiça pela fé. Idéias limitadas sempre resultam quando alguém deixa de apreender estas verdades básicas.

Por exemplo, em edição passada, citámos um universalista que dizia: "Como pode um Deus justo, a primeira pessoa, tomar o pecado do homem culpado, uma segunda pessoa, e lançá-lo sôbre Cristo, uma inocente terceira pessoa? Pela superfície, isto parece equacionar o problema. Quando, porém, Deus, a primeira pessoa, toma o pecado do homem culpado, a segunda pessoa, e o lança sôbre Cristo, Ele não o lança sôbre uma terceira pessoa, mas sôbre Si mesmo, porquanto Cristo é Deus, a divindade encarnada. Não há, na realidade, uma terceira pessoa dessa forma envolvida.

Se Deus, como soberano governador do universo, escolhe voluntariamente tomar a culpa do homem sôbre Si mesmo a fim de manifestar Seu amor e misericórdia ao homem, aos anjos e ao universo, que terreno pode haver para objeção? O mesmo que fez a lei foi quem sofreu a pena por causa da violação da mesma. Foi o próprio Deus quem *permitiu* um substituto, quem *providenciou* o substituto, e *Se tornou* o substituto. Além disso, essa substituição não se fez para um povo bom, nem mesmo para aquêles que procuram ser bons, mas para os "ímpios", para os "fracos", e realmente Seus "inimigos" (Rom. 5: 6-11). E êsse grande sacrificio era o anti-tipo de tôdas as ofertas do Israel antigo — cordeiros, bodes, ovelhas, novilhas, pombos e mesmo os punhados de farinha que se ofereciam em certas circunstâncias.

O Sacrificio da Manhã e da Tarde

Era básico em todo o ritual sacrificial, o sacrificio da manhã e da tarde, denominado "holocausto contínuo" (Êxodo 29:42, hebraico *tamid*). Fazia-se em acréscimo às muitas e variadas ofertas tanto da congregação como individuais.

"A oferta diária... constituía o fundamento de todo o sistema sacrificial." — R. Winterbottom, em *The Pulpit Commentary*, vol. 5, pág. 380.

"A instituição [do sacrificio da manhã e da tarde], era tão obrigatória que, em hipótese alguma, se podia dispensar essa oblação diária." — Jamieson, Fausset and Brown, *Commentary, Critical and Expository*, sôbre Êxo. 29:38.

O sacrificio da manhã e da tarde, que simbolizava a eficácia contínua do sacrificio e ministério de Cristo (Heb. 7:24), pode ser melhor entendido se o julgarmos como oferta de Deus para o povo, do que oferta do povo para Deus. Era oferecida sem levar em conta a atitude do povo, quer individual quer coletivamente. Era eficaz mesmo para os que estavam no exílio (I Reis 8:30, 44 e 50.). *Este sacrificio "contínuo", se pensarmos nê-le como sacrificio de Deus, realmente simbolizava a divina provisão da graça, a qual existia antes da fundação do mundo, com a qual o individuo nada tinha a fazer a não ser aceitá-la.* A graça não pode ser ganha, tem que ser aceita.

As instruções gerais concernentes às "ofertas queimadas" se encontram em Levítico 1:5 e 6. O sacerdote era instruído a matar a vítima do sacrificio, a seguir tirar-lhe a pele e "cortá-la em pedaços". O esfolamento e desmembramento da vítima constituíam parte vital na cerimônia. Em primeiro lugar, quando o pecador arrependido trazia sua própria vítima a ser oferecida, êle a matava com as próprias mãos. A execução não devia demorar-se devido à angústia ou desespero da parte do animal. Depois de morto, tirava-se a pele do animal ou pássaro. Sua beleza era desfigurada, o corpo estraçalhado e finalmente consumido pelo fogo — uma cerimônia na verdade repulsiva, porém representava objetivamente a ira de Deus contra o pecado.

Sacrifícios Individuais e Ofertas de Rotina

Estes sacrifícios individuais eram importantes, pois cada um prefigurava o Calvário, e sendo oferecidos pelo indivíduo, expressavam sua apropriação da provisão de Deus. Podemos julgar que o sacrifício da manhã e da tarde eram os mais importantes, enquanto que o individual era secundário. O primeiro tipificava a expiação provida; o segundo, a expiação desfrutada. A falta de compreensão quanto às ofertas secundárias em Israel levou à corrupção do Evangelho. Argumentam alguns que, quanto mais animais se sacrificavam, melhor seria a posição de alguém perante Deus. Dessa forma caíram no erro da justificação pelas obras — perigo sempre presente mesmo para os cristãos.

Cristo Tomou Nosso Lugar

Pensemos agora em nosso Senhor submetendo-Se ao julgamento, e sendo “levado como ovelha para o matadouro”. Descrevamo-Lo lá, de pé, sem proteção. Sim, Seu corpo foi “moído por nós”; ofereceu Sua “alma em oferta pelo pecado” (Isa. 53:10).

Sob a carga esmagadora da culpa do mundo, Ele pesarosamente diz: “Minha alma está numa tristeza mortal”. Ele foi ferido, sim “ferido por causa das nossas transgressões”, mas quem poderá dizer quão profundas são essas chagas? Espinhos, cravos e pregos perfuraram e feriram-Lhe a carne, porém muito maior que estas torturas foi a indizível aflição que Lhe ensombrou a alma ferida. Consideremos Aquêle que suportou “tais contradições dos pecadores contra Si mesmo” (Heb. 12:3), resistindo até ao sangue em Sua batalha contra os poderes das trevas. Governador de todo o universo, Príncipe do Céu, Criador das constelações, Ele Se põe como nosso substituto no meio de uma multidão escarnecedora. Olhamos atentamente para Este ocupante do trono que, deixando Sua glória, separou-Se da associação perfeita que fruía desde a eternidade, para assumir a natureza humana (sem pecado no entanto) e sofrer as mais cruciantes dores das privações em nosso lugar. Sendo condenado como criminoso, Ele curvou a cabeça em humilde submissão, e começou sua marcha de morte em direção ao Calvário. Sobre aquela colina sanguinolenta foi Ele crucificado entre dois ladrões e ridicularizado pelos sacerdotes. Vêde o Cordeiro de Deus esfolado, dilacerado, desfigurado e mutilado.

Era o dia da páscoa quando Jesus morreu, contudo Sua morte não ocorreu propriamente no momento de matar o cordeiro pascal, mas no momento do sacrifício da tarde. A declaração de Paulo é importante: “Cristo ... morreu a seu tempo pelos ímpios” (Rom. 5: 6). “Morreu no momento exato”. (Weymouth).

Notemos agora este comentário:

Era a hora do sacrifício da tarde. O cordeiro, que representava Cristo, fôra levado para ser morto... Vivamente interessado, o povo acompanhava a cena. Mas eis que a Terra treme e vacila... Tudo é terror e confusão. O sacerdote está para

matar a vítima; mas o cutelo cai-lhe da mão paralisada, e o cordeiro escapa. O tipo encontrara o antítipo por ocasião da morte do Filho de Deus. — O Desejado de Todas as Nações, pág. 564.

Logo antes de depor a vida Ele proferiu as palavras mais solenes jamais ouvidas: “*Telestai* [“Está Consumado”]!” Não era um brado de desesperança; foi um grito de vitória. E êsse grito recuando pelos tempos se tornou a certeza de perdão de toda a transgressão confessada ou involuntária desde a queda do homem. E ele reboará até o fim do tempo para nos assegurar a salvação e até àqueles que estarão vivos quando o tempo se fundirá com a eternidade. Ascendeu ao trono de Deus para anunciar aos anjos que Ele vencera. Atingiu as tumbas das quais alguns ressurgiram quando Ele mesmo rompeu o túmulo. Diz a mensageira do Senhor que o brado foi “uma voz que abalou o universo” (Manuscrito 165, 1899). E mais ainda: “Todo o Céu triunfou na vitória do Salvador. Satanás foi derrotado, e sabia que seu reino estava perdido”. — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 565. Os anjos e os mundos não caídos receberam aquêle brado de triunfo com alegria, porque “fôra em seu benefício, bem como no nosso, que se operara a grande obra de redenção. Juntamente conosco, compartilham êles os frutos da vitória de Cristo”. — *Ibidem*.

O Universo Foi Afetado pela Expição

Contudo o plano de redenção tinha um propósito mais amplo e mais profundo do que a salvação do homem. Não foi exclusivamente para isto que Cristo veio à Terra; não foi apenas para que os habitantes dêste pequeno mundo pudessem considerar a lei de Deus como deve ser considerada; mas era para reivindicar o caráter de Deus diante do universo. Para êste resultado de Seu grande sacrifício — sua influência sobre os seres de outros mundos, bem como sobre o homem — o Salvador olhava quando, precisamente antes da crucifixão, disse: “Agora é o julgamento dêste mundo; agora será expulso o príncipe dêste mundo. E Eu, quando fôr levantado da Terra, atrairei todos a Mim”. [Não somente êste mundo, mas todo o universo se une nEle] ...

Foi maravilhoso para todo o universo que Cristo Se humilhasse para salvar o homem caído. ... Quando Cristo veio ao nosso mundo em forma humana, todos estavam profundamente interessados em acompanhá-Lo, ao percorrer Ele, passo a passo, a vereda ensanguentada da manjedoura ao Calvário. O Céu observou o insulto e a zombaria que Ele recebeu, e sabia que isto foi por instigação de Satanás. ... Eles [os seres sem pecado de outros mundos] observaram a batalha entre a luz e as trevas, enquanto a mesma se tornava mais forte. E ao chamar Cristo em Sua aflição mortal sobre a cruz: “Está consumado”, um brado de triunfo repercutiu por todos os mundos, e pelo próprio Céu. A grande contenda que estivera em andamento durante tanto tempo neste mundo, estava agora decidida, e Cristo era vencedor. ...

Unanimemente o universo fiel uniu-se no engrandecimento da administração divina. — *Patriarcas e Profetas*, págs. 73 e 76.

Esse “brado de triunfo” é registrado em Apoc. 12:10:

Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino de nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite.

Citamos ainda:

Por ocasião do glorioso término de Sua obra, cânticos de triunfo ecoaram e repercutiram através dos mundos não caídos. Anjos e arcanjos, querubins e serafins juntaram-se no côro da vitória. — *The Youth's Instructor*, 6 de abril de 1903.

Antes da morte, dissera Jesus: “Este cálice é o novo testamento de Meu sangue” (I Cor. 11:25). Seu sangue não foi apenas cobertura para o pecado, mas na realidade um testamento que selou para sempre a relação entre Deus e o homem.

A expiação de Cristo selou para sempre o eterno concerto da graça. Tornou-se o cumprimento de toda a condição pela qual Deus interrompera a livre comunicação da graça à família humana. Toda a barreira foi desse modo derribada, mesmo a que interceptava a mais livre plenitude do exercício da graça, da misericórdia, da paz e do amor ao mais culpado da raça de Adão. — *Manuscrito 92*, 1899 (Grifos supridos).

Durante aquelas terríveis horas de agonia, nosso Senhor, como substituto do pecador, não pôde “ver a face reconciliadora do Pai”. “Não podia enxergar para além dos portais do sepulcro”. Não foi “confortado com a presença do Pai. Pisou sozinho o lagar.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 562. Estas palavras são emocionantes, porém leiamos mais ainda que nos lembre que este foi um sacrifício feito pela Divindade na pessoa do Deus-homem.

De repente, ergueu-se de sobre a cruz a sombra, e em tons claros, como de trombeta, tons que pareciam ressoar por toda a criação, bradou Jesus: “Está consumado”... Uma luz envolveu a cruz, e o rosto do Salvador brilhou com uma glória semelhante à do Sol... E à medida que em submissão Se confiava a Deus, o sentimento da perda do favor do Pai se desvanecia. Pela fé saiu Cristo victorioso... Ganhara a batalha... Como Vencedor, firmou Sua bandeira nas alturas eternas. — *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 564 e 565. (Grifos supridos.)

Ao proferir o brado: “Está consumado”, Cristo sabia que a batalha estava ganha. — *Manuscrito 111*, 1897. (Grifos supridos.)

Sua Vitória Acentuada nas Epístolas

O significado dessa vitória não é plenamente revelado nos evangelhos, e alguns críticos procuraram desacreditar a doutrina da expiação, afirmando que ela não é ensinada por Cristo. No livro dos Atos, porém, e nas epístolas, especialmente na carta aos Hebreus, os escritores do Novo Testamento apresentaram-na com muita clareza. A expiação constituía todo o objetivo de Sua morte. O escopo primordial da missão terrena de nosso Senhor não era tanto pregar o evangelho, mas fazer uma expiação para que pudesse haver um evangelho a pregar. No registro de Sua vida maravilhosa, um terço de todos os escritos tratam de acontecimentos ocorridos na última semana; não Sua vida, Seus milagres,

mas Sua morte constituía a maior obra que Ele veio realizar. Os inspirados comentários que seguem não deixam nenhuma dúvida quanto ao conhecimento verdadeiro que os adventistas têm deste assunto:

Ao oferecer-Se na cruz, se fez perfeita expiação pelos pecados do povo. — *Signs of the Times*, 28 de junho de 1899. (Grifos supridos.)

Cristo realizou uma completa expiação, dando Sua vida em resgate por nós. — *Carta 97*, 1898 (Grifos supridos).

Ao contemplar o Pai o sacrifício de Seu Filho, inclinou-Se diante dEle, reconhecendo sua perfeição. “É o bastante”, disse. “A expiação é completa.” — *Review and Herald*, 24 de setembro de 1901. (Grifos supridos.)

Linguagem alguma podia descrever o júbilo do Céu ou a expressão do contentamento divino, e o comprazimento em Seu Filho unigênito, quando Ele contemplou o acabamento da expiação. — *Signs of the Times*, 16 de agosto de 1899. (Grifos supridos.)

Sua plenitude é realçada mais e mais nas epístolas paulinas. O grande apóstolo gloriava-se na vitória de nosso Senhor. Ouçamo-lo:

E, quando estáveis mortos nos pecados, e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com Ele, perdooando-vos todas as ofensas, havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em Si mesmo. (Col. 2:13-15.)

Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto... E pela cruz reconciliou ambos com Deus em um corpo... (Efés. 2:13-16.)

Observemos este comentário:

Ele tomou em Suas mãos o mundo sobre o qual Satanás pretendia presidir como sendo seu território legal, e pela Sua obra maravilhosa de dar a vida, restaurou toda a raça humana ao favor de Deus. — *Manuscrito 50*, 1900. (Grifos supridos.)

Sim, a batalha foi ganha, a luta terminou, estamos redimidos, o preço foi pago: que maravilhoso Salvador! E quando “Ele Se ofereceu” (Heb. 7:27) o fez na qualidade de Sacerdote e Sacrifício. Isto está em harmonia com o cristianismo histórico, e também com o que o Espírito de Profecia realça repetidas vezes. Ouçamos!

A suficiência infinita de Cristo é demonstrada em suportar Ele os pecados do mundo inteiro. Ocupa Ele a dupla posição de ofertante e de oferta, de sacerdote e de vítima. — *Carta 192*, 1906. (Grifos supridos.)

Cristo esvaziou-Se a Si mesmo, e tomou a forma de servo, e ofereceu o sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote, e Ele mesmo a vítima. — *The Southern Watchman*, 6 de agosto de 1903. (Grifos supridos.)

A seguir, tendo vencido todos os poderes do mal na cruz, derrotou completamente o inimigo, ressurgindo do túmulo selado. Rompendo os grilhões da morte, ascendeu ao Pai, como o “Rei da glória,” e foi “coroadado de glória e honra” (Sal. 24:7-10; Heb. 2:9).

Seu Glorioso Retorno ao Lar

Nenhuma pompa na Terra pode comparar-se ao retorno de nosso Senhor após Sua batalha com os poderes das trevas. Enquanto a procissão se movia majestosamente pelas côrtes celestes, ressoava a voz: “Quem é Este, que vem de Edom, com vestidos tintos de Bozra? Este que é glorioso em Sua vestidura,

que marcha com a Sua grande fôrça?" E a seguir vem a resposta: "Eu, que falo em justiça, poderoso para salvar" (Isa. 63:1). Entre todos os filhos da Terra, sômente Êle podia falar em justiça. E lá está Êle para falar em justiça em favor do pecador; para oferecer Seu traje immaculado a todo o que queira recebê-Lo.

Ao transpor as portas celestiais, foi Jesus entronizado em meio a adoração dos anjos. — Atos dos Apóstolos, pág. 38.

Ocupando o trono na qualidade de co-soberano com o Pai no govêrno do universo, Êle é ao mesmo tempo nosso intercessor celestial, tornando eficaz em nós aquilo que efetuou por nós na cruz.

Para o universo chegara o tempo de o Céu aceitar seu Rei. Anjos, querubins e serafins permaneciam na expectativa da cruz. — Signs of the Times, 16 de agosto de 1899.

A natureza do ministério de nosso Senhor transcende a compreensão humana. João, o revelador, viu-O não apenas como sumo sacerdote e juiz mas como o cordeiro no ato de ser imolado (Apoc. 5:6). Suas mãos e pés marcados pelos cravos dão constante testemunho de Seu sacrifício expiatório.

Como Sumo Sacerdote além do véu, Cristo de tal maneira imortalizou o Calvário, que, embora viva junto de Deus, morre continuamente para o pecado e dêsse modo se algum homem pecar, tem um Advogado junto do Pai. Êle ressurgiu da tumba envolto por uma nuvem de anjos em maravilhoso poder e glória — a Divindade e a humanidade combinadas. — Manuscrito 50, 1900. (Grifos supridos.)

Cristo — o Rei-Sacerdote no Trono

Sejamos gratos a Deus pelo nosso unguido Sumo Sacerdote, porém não nos esqueçamos de que Êle é ao mesmo tempo nosso exaltado Rei, um rei-sacerdote "segundo a ordem de Melquisedeque".

O Salvador erguido surge em Sua obra eficaz como o Cordeiro morto, assentado no trono, para dispensar as inapreciáveis bênçãos do concerto, os benefícios de Sua morte para comprar tôda alma que venha a crer n'Ele. — Evangelism, pág. 191. (Grifos supridos.)

Êle pode dispensar essas bênçãos e benefícios porque entrou no lugar santo ["os santos", grego *hagia*] tendo obtido ["arranjado", grego *heurisko*] "eterna redenção por nós" (Heb. 9:12). Seu ministério fala de um sacrifício acabado. Nada é mais maravilhoso do que o ministério sumo sacerdotal de nosso Senhor. Do trono da graça Êle derrama o Espírito Santo em nossos corações.

Logo antes de morrer, Êle desvendou alguma coisa dêsse ministério de intercessão, ao dizer: "Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós" (S. João 14:18). Por ocasião do Pentecostes Êle veio, não em pessoa, mas em poder, por meio do Espírito Santo. Disse Pedro: "... [Êle] derramou isso que agora vêdes e ouvis" (Atos 2:33). Como nosso advogado e intercessor, Cristo envia Seu Espírito ao nosso coração para nos levar à comunhão com a família celestial. A *justificação* e a *santificação* são, respectivamente, obra de Cristo, e o Espírito Santo ajuda as nossas fraquezas uma vez que "não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o

mesmo Espírito intercede por nós ... E Êle ... examina os corações" (Rom. 8:26 e 27.)

Cristo no trono da graça, e o Espírito no trono do coração são um em seu ministério de intercessão.

Cristo, nosso Mediador, e o Espírito Santo estão constantemente intercedendo em favor do homem, porém o Espírito não pleiteia por nós como faz Cristo que apresenta Seu sangue, derramado desde a fundação do mundo; o Espírito trabalha em nosso coração provocando nêle orações, arrependimento, louvor e ação de graças. — Manuscrito 50, 1900. (Grifos supridos.)

Qual é, porém, a natureza da intercessão de Cristo? Certamente não objetiva forçar o Pai a ser misericordioso, pois não foi em primeiro lugar a misericórdia do Pai que permitiu o sacrifício? E certamente não podemos conceber que Êle de novo agonize diante do Pai, ou faça outro sacrifício, ou derrame outra vez Seu sangue. Tal idéia é disparatada. Não é Sua intercessão uma declaração diante de todo o universo, de que todos os pecadores são admitidos à família do Céu mediante Seu sangue? Observemos o pensamento claro do espírito de profecia:

Tão necessário é que Êle nos proteja pela Sua intercessão como nos redima com Seu sangue. Se Êle relaxasse, por um momento que fôsse, Sua posição em nosso favor, Satanás imediatamente se levantaria para destruir. Agora Êle protege pela intercessão os que foram comprados pelo Seu sangue". — Manuscrito 73, 1893. (Grifos supridos.)

O Capítulo de nossa salvação intercede pelo Seu povo, não como peticionário para mover o Pai à compaixão, mas como vitorioso que reclama os trofeus de Sua vitória... Tornai bastante claro este ponto". — Obreiros Evangélicos, pág. 154. (Grifos supridos.)

Estamos tornando claro êste ponto? Nossos próprios membros, bem como outros, precisam ter isto apresentado diante de si em linhas claras. Uma compreensão mais clara destas grandes temas se faz necessária.

Nossas igrejas perecem por falta de ensinamento sôbre o tema da justiça pela fé em Cristo, e verdades correlatas. — *Idem*, pág. 301.

A beleza da intercessão de nosso Salvador se expressa nestas palavras:

A medida que as orações sinceras e humildes do pecador sobem ao trono de Deus, Cristo as mistura com os méritos de Sua própria vida de obediência. Nossas orações se tornam fragrantantes em virtude dêste incenso. — Sons and Daughters, pág. 22.

Perfumadas com a fragrância de Sua justiça, sobem como cheiro suave a Deus. A ofensa é inteiramente aceitável, e o perdão cobre tôdas as transgressões. — Parábolas de Jesus, pág. 156.

Sua morte no Calvário *proveu* a expiação. Seu ministério sumo sacerdotal *aplica* a expiação àqueles que crêm. Como o chefe que representa o novo reino, Êle no trono da graça está agora reivindicando e preparando os cidadãos dêsse reino.

O Juízo e a Expiação

A obra intercessora de Cristo concluirá quando Êle, como o "juiz de tôda a Terra" pronunciar a sentença do juízo, depois de vir em poder e grande glória para receber do mundo os que Lhe pertencem. Esta sentença está registrada em Apocalipse 22:11 e 12. Nossa compreensão da profecia nos leva à convicção de que êste grande tribunal está presentemente em sessão, desde a hora do

juízo soada em 1844. Referimo-nos a isso como sendo o juízo investigativo, em que os casos do professo povo de Deus são levados a exame.

O transcendente ato de nosso Senhor na cruz, e Seu ministério sacerdotal são partes essenciais da expiação de Jesus, ou resultados definidos que decorrem dela.

Creemos que o serviço típico de Israel no dia da expiação ensina lições importantes. Naquele dia o sumo sacerdote concluía seu ministério de reconciliação, tomando o sangue do bode sacrificial e purificando o santuário terrestre, depois do que confessava os pecados da congregação sobre a cabeça do bode emissário e o enviava para o esquecimento — uma ilustração objetiva do que nosso Intercessor fará na conclusão de Seu ministério sacerdotal no Céu. Pela virtude de Seu sangue, que é a própria base de Sua intercessão, nosso Sumo Sacerdote purificará o santuário celestial. Então, despojando-se das vestes sacerdotais, descerá Ele pelos céus, como Rei dos reis e Senhor dos senhores para receber Seu povo e destruir Seus inimigos. A seguir, como justo governador do reino dos remidos, lançará às costas de Satanás (o antitípico Azazel) todo o negro registro da rebelião contra Deus, e também o jogará no lago de fogo para que a rebelião seja destruída para sempre.

Quando Satanás, o próprio instigador do mal, e as miríades de anjos maus, e todos os que recusaram a graça de Deus são finalmente destruídos, então, pela primeira vez, desde o início do pecado, o universo será purificado.

A compreensão que os adventistas têm da expiação nos leva a reconhecer pelo menos quatro aspectos do assunto, os quais, tomados em conjunto, completam o quadro:

1. *Expição provida*, feita em favor de todo o mundo pela morte de Cristo na cruz. Como Salvador do mundo, Ele restaurou toda a raça ao favor de Deus e, ao mesmo tempo, pôs o universo em segurança contra a possibilidade de futura rebelião.

2. *Expição aplicada* por meio do ministério de Cristo no santuário celestial; eficaz para toda alma que aceita esta provisão divina.

3. *Expição eliminatória* quando, concluído Seu ministério sacerdotal, Cristo como Juiz determinar o destino de cada alma, sen-

tenciando a cada um segundo suas obras. (Este exame dos livros de registro, ou juízo investigativo começou em 1844).

4. *Expição retributiva* quando a sentença contra o pecado e pecadores será executada, redundando na destruição final da rebelião e na purificação do universo.

Os limites deste artigo não permitem o desenvolvimento das duas últimas fases, cada uma merecedora de um estudo amplo. A igreja cristã, em geral, aceita sem controvérsia as primeiras duas, ao passo que a 3ª e 4ª, embora inferidas e às vezes sucintamente tratadas por certos teólogos, não são geralmente consideradas como aspectos reais do assunto; cremos, porém, que somente quando todos os quatro aspectos são tomados em conjunto teremos o quadro completo da obra expiatória de nosso Salvador e seus efeitos finais sobre o universo. Isto pode ser levado como nossa contribuição denominacional adventista à teologia cristã.

Traz grande gozo ao nosso coração o contemplarmos a plena fruição do sacrifício expiatório de nosso bendito Senhor, em primeiro lugar porque se aplica ao *pecador individualmente*, limpando-o de toda mancha naquela “fonte aberta ... para o pecado e impureza”; depois porque se aplica ao *próprio santuário celestial*, quando na qualidade de sumo sacerdote, em virtude de Seu sangue derramado, Ele remove todo o registro do pecado; e finalmente aplica-se à *Terra amaldiçoada por causa do pecado*, pequenina partícula na vasta criação de Deus, a qual, sendo recriada, desempenhará para sempre um original papel no universo — a lição objetiva do amor e da graça de Deus. (Efés. 2:7).

Quão glorioso será quando o pecado e seus trágicos efeitos forem eliminados, e um único pulso de harmonia e contentamento latejar por todo o poderoso universo de Deus, e toda a criação refletir Sua glória inefável. Com ardente antecipação aguardamos aquela hora em que os remidos de todas as épocas unirão as vozes numa antífona de louvor e “toda criatura que há no Céu, na Terra, debaixo da Terra, e no mar”, juntar-se naquele coral maravilhoso: “Digno é o Cordeiro que foi morto!” “Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre”.





Quem Vos Pôs no Ministério?

"E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, *pondo-me no ministério*" (I Tim. 1:12).

Paulo sabia quem o havia *pôsto* no ministério. Esta é a chave de sua surpreendente carreira de apóstolo de Deus. Como explicar de outro modo sua incomparável capacidade de suportar indizíveis provações, sua ousadia diante da morte, e o poder de suas penetrantes mensagens? Este homem de Deus podia pregar com uma convicção vinda do Céu, pois Cristo o *pusera* no ministério. A incerteza no tocante a este ponto vital pode significar o naufrágio ministerial de uma pessoa.

Não constitui sacrilégio admitirmos francamente que alguns homens que agora pregam deviam estar em outras profissões. E é igualmente verdadeiro que outros a quem Deus chamou para pregar, desceram, como Jonas, para Jope. Feliz é o homem que não age em função da vigilância da obra, sabe que foi nascido para pregar o evangelho de Deus, e pode dizer como o apóstolo: "Cristo *me pôs* no ministério".

Esta convicção torna o amável Deus o *primeiro* interesse do ministro. As pressões humanas são desnecessárias como estimulantes para um tal homem. Ele trabalha "não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus" (Efés. 6:6). Seu motivo não é suplantar seus irmãos, mas agradar a Cristo. Os aplausos humanos o encorajam, porém não fazem inflar seu eu.

O ministro do evangelho ocupa uma posição original entre as profissões existentes. Num sentido que nenhuma outra pode pretender, o ministro *pode* dizer: "Não sou um empregado. Não trabalho para homem algum". O ministro trabalha *com* os homens, mas não *para* os homens. Seu trabalho não é exercido por paga em dinheiro nem por pressão, mas pela vontade e amor de Cristo. Se Cristo o pôs no trabalho, homem algum poderá tirá-lo dêle. Embora deva responder perante seus irmãos, ele é *exclusivamente* servo de seu soberano Deus. Esta convicção produzirá homens sôbre os quais a igreja pode descansar, mesmo não sendo eles vigiados; homens que, embora procurem conselho, não são dependentes de um programa diário; homens que, sabendo de seus deveres, os cumprem.

Estais Certos de que Fôstes Chamado?

O ministro chamado por Deus para pregar o Evangelho saberá disto. Para alguns, a voz de Deus é um anseio dominante, um desejo apaixonante de nada fazer a não ser pregar o Evangelho. Isto poderá ocorrer cedo ou tarde na vida, mas ocorre. "Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o Evangelho!" (I Cor. 9:16). "É-me imposta essa obrigação", diz o apóstolo. Outra coisa não posso fazer e o *ai* estará sôbre mim, se o tentar.

"Não tenho necessariamente que pregar", vangloriou-se um irmão; "Estou bem capacitado para trabalhar em outros ramos. Se não fôr bem sucedido nisto, sê-lo-ei em outras de minhas muitas habilidades".

Este homem nada sabe da estreiteza do vale da decisão. Não é uma avenida bifurcada em rotas alternadas. É uma rua estreita, de uma só mão, não projetada para homens, que queiram voltar em seu caminho. É um juramento absoluto e irrevogável em vigor entre o homem e seu Criador. O profeta Isaías inquiriu ao Senhor a respeito da duração do acôrdo. "Então disse eu: Até quando, Senhor? E respondeu: Até que se assolem as cidades, e fiquem sem habitantes, e nas casas não fique morador, e a Terra seja assolada de todo" (Isa. 6:11).

Para alguns, o chamado para pregar é uma dramática experiência do "caminho de Damasco". Por contacto direto, Deus alcança Seu homem. Que alguns tenham ouvido uma voz literal e discernido a Presença não é para duvidar-se. Um destes mais poderosos pregadores de campanhas recebeu o chamado durante intensa aflicção física. Quem na Terra é bastante sábio para resolver como Deus deva escolher seus homens? Ele sabe de quem precisa e como atraí-lo.

Muitos jovens receberam o chamado de Deus através de outros homens. Enquanto o ministro em potencial se sentava no banco da igreja, semana após semana, ouvindo a voz do homem de Deus, a convicção se foi formando. A mais de um ministro o chamado para a conversão foi um chamado para pregar. E outros à semelhança de Balaão tiveram que ser acantoados por um anjo. Contudo o chamado vem, e quando vem é claro e inconfundível. Se há alguma dúvida no

espírito de alguém, de que Deus o chamou, pode estar certo de que não foi chamado.

São Dadas Evidências Claras

Há outras provas além dos privilégios denominacionalmente concedidos, que distinguem o ministro do leigo.

1. A inspiração ministerial, a direta inoculação de idéias divinas no espírito do homem, é uma evidência destas. Este milagre pode ocorrer no curso da mensagem, ou durante a preparação do sermão. Ele, porém, ocorre a todo homem chamado por Deus, trazendo-lhe idéias geradas nos Céus, impostas à mente pelo Espírito Santo; pensamentos que emocionam tanto o orador como os ouvintes; idéias divinas dedicadas ao Céu, proferidas na linguagem dos anjos pelos lábios de barro.

2. A posse do Espírito Santo na pregação — o ministro saturado pela influência divina — constitui ainda outra evidência do chamado. Tem consciência disso ao falar e, estando sob a divina influência, as palavras joram como águas vivas — palavras que tocam o coração dos homens porque estão unidas com o fogo divino; e os pensamentos são bafejados com o sopro do Céu, trazendo lágrimas de arrependimento nos olhos dos ouvintes. E ao concluir a mensagem, ouvir homens dizerem: “O sermão me ajudou”, traz a paz compensadora que nada pode trazer.

3. A prova do apostolado na conquista de almas. O resultado final de toda pregação é ganhar almas. As orações podem deleitar, as experiências podem instruir, mas a pregação salva. O ministro é mais do que um semeador — é um colhedor. “Assim será a palavra que sair da Minha boca; ela não voltará para Mim vazia, antes fará o que Me apraz, e prosperará naquilo para que a envie” (Isa. 55:11.) O ganho de almas é a primeira obra do ministro. “Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as...” (S. Mat. 28:19). Cristo ordenou que Seus ministros *batizassem*. Nem o tempo nem as circunstâncias devem desviá-los de seu objetivo principal.

Não há outra razão justificável para a existência do ministro do Evangelho a não ser a de trazer homens a Cristo. Se ano após ano não aparece nenhum fruto de seu ministério, pode estar certo de que está deslocado, e há outros campos necessitados clamando por seu auxílio.

A tragédia dos leigos faltosos repousa pesadamente na consciência do ministro. É importante lembrar-se que seu chamado para pregar é um chamado para educar-se. O Evangelho é proclamado com mais eloquência em côro do que por solo. Não é bastante acender o fogo; muitas mãos têm que espalhá-lo. Todo convertido tem que ser um fa-

zedor de conversos. Para isso também somos chamados.

Deus Envia e Ajuda

“Houve um homem *enviado* por Deus, cujo nome era João” (S. João 1:6). O Deus do Céu não somente chama Seus homens, mas os *envia*. “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura” (S. Mar. 16:15). O ministro não pode ter preferência quanto ao lugar. João pregou no deserto. O povo o ouvia porque Deus o *enviara*. Ezequiel fez proclamação a um vale de ossos secos. Houve uma ressurreição porque Deus o *enviara*. Quando João atingiu Patmos, a ilha tornou-se um púlpito. Para Livingstone, a folhagem da densa floresta era um convite ao serviço. Que ele fôra enviado por Deus é a única explicação da devoção de Hutchinson a um rústico vilarejo da África. Deus *envia*; os homens vão para onde são enviados. E no seu rastro, a terra ressequida se torna fértil e os desertos florescem como as rosas.

Ao homem chamado e enviado por Deus se dirige esta promessa de companheirismo divino: “Eis que Eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (S. Mat. 28:28). Esta declaração é tanto uma promessa como um lembrete. Promessa da presença do Mestre, e lembrete da completa dependência do homem, de Cristo. Os que têm confiança própria são os que se enviam a si mesmos. Mas os homens de Deus são destituídos do *eu*, e compreendem sua inteira dependência de Deus para a própria vida. Se se ganha uma alma, é Deus quem opera. “Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra” (II Cor. 9:8). Todo o êxito que envolve os esforços de um homem de Deus é inteiramente devido à Presença que o acompanha. Campos difíceis produzem frutos para o Mestre Jardineiro. Em Sua presença, problemas insolúveis se simplificam. O simples confunde o sábio porque seu Companheiro é perfeitamente sábio. Em Sua presença o fraco se torna forte, o relapso se torna disciplinado. Milagres se sucedem a milagres, em Sua presença. “E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar” (Atos 2:47).

Quem vos pôs no ministério? Há uma diferença abismal entre ser “encarregado do trabalho” e ser “chamado”. Algumas relações religiosas se tornam encargos corriqueiros, e em muitos casos, em emprêgo fixo. O homem chamado por Deus se aflige com intranquilidades cheias de lutas. Os perdidos e os transviados estão em seu constante pensar, como um desafio. E sua busca dos não salvos não terminará senão quando Deus que o chamou para o serviço, o chamar para o lar celeste. — E. E. C.

A Classe dos Interessados

G. R. NASH

Diretor do Departamento da Escola Sabatina da Associação Geral.

NOS últimos anos, alguns de nossos pastores têm tomado a direção da classe dos interessados, na Escola Sabatina, e isto tem sido uma bênção tanto para a escola como para os alunos não-adventistas.

Muitas vezes, as lições normais da escola sabatina têm sido usadas. Não raro estas lições são tão desenvolvidas para os novos interessados, e o resultado é que alguns pastores tiveram que recorrer a material de outra fonte, que não o trimensário. Temos recebido muitas solicitações para providenciarmos um trimensário especial para a escola sabatina a fim de atender essa necessidade especial.

Estareis interessados em saber que, presentemente, se acham em preparação lições especiais para a "classe batismal do pastor, na escola sabatina". Far-se-á uma comunicação aos campos quando as lições estiverem prontas para a distribuição. Enquanto isso, convidamos nossos pastores a se dirigirem aos departamentais da escola sabatina de sua Associação, e pedirem o folheto nº. 15 da Escola Sabatina, o qual explica com pormenores o novo empreendimento. A adaptação de lições a essa classe especial se deve fazer mesmo antes que o novo trimensário especial esteja pronto. "A escola sabatina deve ser uma das maiores instrumentalidades, e a mais eficaz em trazer almas para Cristo". — *Counsels on Sabbath School Work*, pág. 10.

De quando em quando, fará bem o pastor em apresentar a importância da escola sabatina e suas reivindicações espirituais, a toda a igreja, no culto da segunda hora. O pastor tem responsabilidade no êxito da escola sabatina. A igreja é um todo com várias atividades. A escola sabatina é uma destas atividades, vital ao êxito da igreja, como um todo. O pastor da igreja é pastor de toda a igreja, incluindo a escola sabatina. Cada

oficial ou professor da escola sabatina é um ajudante do pastor. A cooperação entre o pastor e os oficiais da escola sabatina significa uma escola sabatina bem sucedida na conquista de almas.

O auxílio do pastor é inestimável em atrair o interesse dos membros da igreja nas atividades da escola sabatina. Lembrando-se, com certa freqüência, da escola sabatina, de seus professores e oficiais, em orações públicas, êle está dando prova de seu interesse e simpatia. Nos apelos pastorais, uma menção da escola sabatina fará mais para estimular a freqüência regular, e referências às lições incentivarão o estudo delas. O pastor deve reconhecer que a vida espiritual dos membros de sua igreja depende, em grande parte, de seu interesse pessoal no estudo da Palavra de Deus. De nenhum outro modo nos é sistematizado o estudo da Bíblia, para adultos e jovens, como pela agência da escola sabatina. Tornando-se êle próprio um exemplo na freqüência regular e pontual, apresentando os benefícios da escola sabatina aos membros, muito pode fazer para aumentar seu interesse e freqüência. O pastor deve também compreender que, no próprio estímulo às crianças e jovens à freqüência e participação das atividades da escola sabatina, estará fazendo a maior e mais bela provisão possível para ter futuros membros da igreja. — *The Soul-Winning Sabbath School*, págs. 228 e 229.

Solicitamos vossas orações unidas em favor de nossas escolas sabatinas no mundo com o objetivo de que elas sempre sirvam bem a igreja e, dessa forma, sejam instrumentos, com a bênção de Deus, para trazer muitos ao conhecimento de seu Salvador. "O objetivo da obra da escola sabatina deve ser a colheita de almas." — *Counsels on Sabbath School Work*, pág. 61.



EVANGELISMO - Almas para Deus



Realismo em Nosso Evangelismo de Hoje

WALTER SCHUBERT

Secretário da Associação Ministerial da Associação Geral.

HÁ alguns meses atrás, tive o privilégio de viajar através das montanhas da parte Norte da Itália, próxima à fronteira da Suíça onde, durante os séculos quatorze e dezesse, muitos valdenses foram martirizados por causa de sua fé. Detivemo-nos num lugar denominado Torre Pellice, cerca de trinta milhas de Turim, onde há uma gruta no coração das montanhas. Contém uma entrada muito apertada e, num ponto, apenas uma pessoa de cada vez pode entrar rastejando no interior da gruta. Criam eles que Deus providenciara refúgio para Seu povo perseguido. As vèzes centenas destas pessoas escondiam-se nessa caverna, fugindo dos perseguidores religiosos intolerantes e autoritários. Conta-se que o inimigo, não raro, queimava fôlhas e palha em frente da pequena entrada da furna a fim de encher o lugar com fumaça, e assim forçar as pessoas a saírem, e desse modo muitos foram martirizados.

Lá no interior da vetusta gruta sagrada, o irmão G. Cupertino, secretário ministerial da Divisão Sul-Européia, e o autor deste artigo elevaram uma oração de ação de graças pela liberdade de culto conforme os ditames da nossa consciência, e ali renovámos nossa completa entrega ao Senhor e Sua obra. Suplicamos para têrmos mais vigor espiritual íntimo e sermos inabaláveis na fé em face de quaisquer provações, perplexidades e perseguições que possam vir sobre nós. Sim, pedimos para que sejamos tão fiéis à nossa incumbência como ministros do evangelho como o foram os valdenses.

Numa pequena cidade próxima visitámos o museu valdense. Lá estavam à mostra as roupas, Bíblias e mesmo as armas com as quais defendiam sua fé.

Os valdenses tiveram um grande protetor no general inglês João Carlos Beckwith. Uma declaração feita por ele, em certa ocasião, se acha reproduzida na parede de um dos cômodos do museu. Constitui uma verdade eterna, e diz:

VOI SARETTE MISSIONARI
O NON SARETTE NULLA

(Sois missionários, ou nada sois)

Quão verdadeiro é isto! Enquanto os valdenses foram missionários convictos eram

fortes em suas crenças cristãs. Presentemente, porém — e é triste dizê-lo — o espírito valdense está se extinguindo nas igrejas naquela parte histórica da Itália. E-nos dito que apenas cerca de dez por cento dos membros ainda professam abertamente sua fé. Os cultos são parcamente frequentados, e a igreja popular autoritária está circundando aquela área e construindo igrejas naquela região do país onde outrora predominavam os valdenses. Por quê? Porque os descendentes dos valdenses originais perderam o zelo missionário. Seus antepassados preferiram morrer a negar a fé de seu Senhor. Seus descendentes, porém, neste tempo presente de liberdade e prosperidade, são indiferentes ao legado de seus avoengos. Que contraste!

Como ponderei, a triste condição espiritual dos valdenses do século vinte, e sua indiferença religiosa em submeter-se agora aos seus ex-perseguidores, acomodando sua própria fé entre eles, fêz-me perguntar a mim mesmo o que foi feito de seu primitivo zelo. Pensei então no movimento do Advento. Reconhecendo a fraqueza humana, ainda cremos humildemente que a “fé que uma vez foi dada aos santos” tem sido guardada pura e imaculada até à presente geração. O Evangelho é presentemente pregado em escala maior e mais abrangente do que em qualquer outro tempo. Quão maravilhosamente animado me senti ao lembrar-me também das promessas proféticas do livro de Apocalipse, de que o movimento do Advento irá até o triunfo no mar de vidro, e que haverá um movimento missionário convicto e ganhador de almas até o fim do tempo.

Como obreiros de Deus precisamos vigiar constantemente para que este precioso encargo de anunciar o Evangelho ao mundo não seja absorvido pelo espírito de acomodação em ministrar às igrejas e instituições que Deus nos deu. Nas múltiplas atividades necessárias da igreja precisamos sempre lembrar-nos que a razão básica da própria existência da igreja é pregar a mensagem para este tempo a todo o mundo.

Nossa Comissão

Temos a infalível comissão em S. Mar. 16: 15 que diz: “Ide a todo o mundo, e pregai o

Evangelho a tôda a criatura". Isto significa uma disseminação global e vasta do Evangelho por meio do testemunho pessoal e público. É emocionante e reconfortante observar que a liderança de todo o nosso programa denominacional é calcada no evangelismo convicto. Hesitaríamos em dizer que, devido à apatia do público moderno para com a religião em geral, e porque o povo tornou seus interesses absorventes em veículos de prazer, a obra evangelística está presentemente sem oportunidade. Esta é uma afirmação do grande adversário da verdade.

Recentemente, membros leigos em vários países vieram a mim e disseram que, em vista dos tempos inquietos desta era atômica, a igreja devia ter espírito evangelístico mais convicto do que o que há; que nossos ministros, por preceito e por exemplo, deviam dedicar mais de seu tempo ao trabalho pessoal e público de ganhar almas, e desta forma advertir as multidões nas cidades, vilas, e aldeias, a respeito do juízo impendente sobre elas. Ao ouvir êstes fiéis e fervorosos membros leigos, senti que havia em seu coração profundo desejo de que a igreja seja mais fervorosa em soar o "alto clamor". Desejam que o ministério aliste, treine e conduza os membros leigos, pelo seu exemplo prático e infatigável em campanhas para a conquista de almas. Anseiam por ver realizadas mais séries grandes e pequenas de conferências. Querem testemunhar mais no trabalho de casa em casa, e ver mais literatura cheia do Espírito sendo vendida e disseminada. A serva do Senhor referiu-se a êste ponto na seguinte mensagem:

O trabalho evangelístico, o abrir as Escrituras aos outros, o advertir homens e mulheres sobre o que está por vir ao mundo, é o que deve ocupar mais e mais o tempo dos servos de Deus. — *Evangelism*, pág. 17.

Há dificilmente um décimo da compaixão que deve haver pelas almas salvas. Há tantos a serem advertidos, e contudo quão poucos se compadecem juntamente com Deus o suficiente para ser alguma coisa ou não ser nada, contanto que vejam almas salvas por Cristo. — *Idem*, pág. 628.

Sim, a conquista de almas para Cristo constituiu a própria vida e a força da igreja. Constituiu o elemento de sobrevivência e redundará no brado de vitória sobre o mar de vidro.

O Evangelismo Nestes Tempos Modernos

Até há um século atrás muitas pessoas eram religiosas, ou pelo menos se interessavam na religião. Depois, porém, das tragédias das duas guerras mundiais, encontramos num mundo diferente. Em muitos países, milhões de pessoas são membros de igrejas cristãs, mas são muito apáticos às verdadeiras práticas religiosas. Declara-se que em muitos países apenas cerca de 10 por cento dos membros da igreja a freqüentam. Contudo, hoje em alguns países verificamos que cresce o número de membros de igreja. Qual a razão disto? Em muitos casos, principal-

mente por conveniência. Reconhece-se que para estar alguém em boa posição social e política terá que ser membro de uma igreja.

Isto significa que o evangelismo tem que adaptar-se ao espírito do homem moderno. Ao apresentarmos a mensagem em nossas reuniões públicas, não podemos mais usar os métodos que estivemos a usar quando o povo ainda se interessava por religião e a praticava. Vivemos num tempo em que as multidões são indiferentes à religião, e milhões de outros desprezam as igrejas porque pensam não poderem harmonizar a Ciência com a Bíblia.

Condições para o Bom Êxito no Evangelismo Atual

O homem ou mulher convertidos não pode abster-se de testemunhar a outros de seu Salvador. Para ser eficiente no ganho de almas, o ministro deve primeiramente experimentar o gozo da salvação em sua própria vida, e a seguir o desejo de testificar por Cristo será uma reação automática. O pregador inflamado pelo gozo de sua íntima relação com o Salvador trará mais pessoas à decisão do que os melhores métodos e o mais adequado equipamento. Os pastores e dirigentes devem orar, pregar, e trabalhar com o objetivo de levar os membros da igreja também a esta gloriosa experiência de unidade em Cristo. Quando isto é alcançado, não haverá necessidade alguma de insistir para que testemunhem entre os seus vizinhos, e convidem seus amigos para virem às nossas reuniões evangelísticas. Ellen G. White diz em *A Ciência do Bom Viver*, pág. 349:

"A mais elevada de tôdas as ciências é a de salvar almas. A maior obra a que podem aspirar criaturas humanas, é a obra de atrair homens, do pecado para a santidade. Para a realização desta obra, é mister lançarem-se sólidos fundamentos. É necessária uma educação adequada."

O ganho de almas é tanto ciência como o é a medicina, a advocacia, a engenharia. Isto quer dizer que se deve atentar zelosamente para os processos de ganhar o homem para a verdade salvadora. Somos ainda informados que "A mente precisa ser ativa para engenhar as melhores maneiras de alcançar as pessoas que estão próximas de nós". — *Evangelism*, pág. 443.

Em geral, o homem de hoje não se interessa particularmente pelo evangelismo como tal. Mas como resultado de sua indiferença para com Deus, sofre êle de temor e ansiedade. Portanto, ouvirá alguém que possa ajudá-lo a resolver-lhe a ansiedade, a insegurança, os complexos de culpa, etc. Eis alguns conselhos eloqüentes sobre êste ponto:

"Para conduzir almas a Jesus é preciso ter-se certo conhecimento da natureza humana e estudar a mente dos homens. Importa dedicarmos muita reflexão e oração fervente a fim de saber a melhor maneira de aproximarmos de homens e mulheres no que respeita

no grande tema da verdade." — *Test. Seletos*, Vol. 1, pág. 453.

Estas considerações nos levam a outros conselhos da serva do Senhor:

"Não nos esqueçamos de que se devem empregar diferentes métodos para salvar pessoas também diferentes.

"Tendes um campo difícil de manejar, mas o Evangelho é o poder de Deus. As classes de pessoas que encontrardes decidirão por

vós a maneira por que a obra deve ser feita." — *Evangelism*, pág. 106.

"Alguns dos métodos empregados nesta obra deverão ser diferentes dos que foram empregados no passado; mas que ninguém, por êsse motivo, venha obstruir o caminho por meio da crítica." — *Idem*, pág. 105.

Em artigos futuros consideraremos o plano prático e o desenvolvimento de uma cruzada evangelística para esta era atômica.

"Não Fui Desobediente à Visão Celestial"

FERNÃO RETZER

Presidente da União Central Americana.

PAULO de pé diante do rei Agripa, disse-lhe: "Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial".¹

Aquêlê apóstolo cria plenamente no evangelismo. Tivera uma visão da tarefa que se estendia diante dêle. A salvação de almas era a preocupação mais importante de sua vida. Não fôra desobediente à visão celestial.

O evangelismo é a obra mais importante para nós, que há no mundo. Nada nos deve desviar dessa grande tarefa que nos é imposta. O maior objetivo de nossa vida deve ser levar almas ao conhecimento da verdade.

O ganho de almas é o grande objetivo do amor do Pai. "Porque Deus amou o mundo, de tal maneira, que deu Seu Filho unigênito, para que todo aquêlê que n'Ele crê não pecaça, mas tenha a vida eterna".²

Foi o motivo da morte do eterno Filho de Deus.³

O Espírito Santo, os anjos e todo o Céu estão em atividade tornando o ganho de almas seu grande objetivo no que refere à Terra, e há alegria no Céu quando um pecador se arrepende.⁴

Acima de tudo, a conquista de almas é a mais elevada e mais santa obra de que Deus incumbiu ou podia incumbir Suas criaturas.

Quem descobrisse uma cura infalível para o câncer ou para as moléstias cardíacas seria aclamado como grande benfeitor da humanidade. Podia acrescentar vários anos na vida de muitas pessoas. O evangelismo faz mais do que isso. Êle não acrescenta exatamente algumas poucas décadas à vida de alguêm. Com a graça divina, abriu-se o caminho para milhares não apenas viverem alguns anos mais, mas para sempre! Que privilégio glorioso e emocionante o nosso. Que outra obra nos deveria absorver a atenção?

O espírito de profecia expressa bem a estima em que Deus tem o evangelismo:

A conversão de almas a Deus é a obra maior e mais nobre de que os sêres humanos podem participar.⁵

A maior obra que os sêres humanos podem aspirar, é a de ganhar homens do pecado para a santidade.⁶

A maior obra e o mais nobre trabalho em que o homem pode empenhar-se, é apontar o Cordeiro de Deus aos pecadores.⁷

O mundo emerge na insignificância em comparação com o valor de uma alma.⁸

Nada se deve permitir que embarace esta obra. É a obra mais importante para o tempo; deve ser tôda-abrangente como a eternidade.⁹

Destas poucas declarações, compreendemos facilmente a tarefa que há diante de nós. Nada se deve permitir obstar esta obra.

Foi o próprio Cristo quem delineou nosso trabalho, ao dizer: "Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho."¹⁰ O evangelismo deve constituir-se na suprema missão da igreja, e a atividade primacial de cada discípulo. É a obra distintiva que nos foi designada por Cristo. Podemos fundar colégios, sanatórios e hospitais, mas êles sòmente terão êxito à medida que as almas são ganhas para a verdade. Quando uma igreja, missão, associação, ou qualquer organização de nossa Obra, não mantém seu escopo evangelístico, são como uma casa-de-fôrça sem fôrça, um navio a vapor sem vapor, ou uma fábrica de automóveis que não produza nenhum carro. O evangelismo deve ter a posição de primazia em nossa vida!

O evangelismo é a única atividade cujos ganhos sobreviverão à ira que impende sôbre êste assunto. Há no mundo muitas profissões respeitáveis: arquitetura, medicina, advocacia, odontologia, arte, agricultura, engenharia, etc., mas a maior parte delas tem sua recompensa nesta vida. O ganhador de almas constrói para a eternidade. A serva do Senhor representou isto vividamente desta maneira:

Todo empreendimento dêste mundo é de importância mínima comparado à obra de salvar almas. As coisas terrenas não são duráveis, embora custem tanto. Uma alma salva, porém, brilhará no reino do Céu através das eras eternas.¹¹

Quando Jesus vier, tudo neste mundo passará, menos aquêles que O aceitaram. Sòmente sobrevivem os verdadeiros frutos evangelísticos. Não deveria isto fazer que nos devotássemos mais do que antes à salvação de

almas — fazer disto nossa atividade principal?

Grande atividade evangelística caracterizará o espírito dos últimos dias. A luz da verdade se difundirá em toda a parte. Que coisa maravilhosa nos é ter parte importante a desempenhar no grande drama destes últimos dias.

Por toda a América Central nossos ministros e membros leigos estão desempenhando fielmente sua parte. Penso no espírito da Associação do Panamá. Seu "slogan" deste ano é: "Cada um buscando um". Os ministros e membros leigos estão unindo forças numa grande cruzada evangelística. Há algumas noites atrás, tive o privilégio de visitar o grande local de reuniões onde se efetua um trabalho de reavivamento em Colon, Panamá. Mais de 1.500 almas ouviam ansiosamente o evangelista O. U. Holness expor a mensagem para estes últimos dias. Estamos certos de que este ano, na República do Panamá, centenas de homens e mulheres aceitarão a verdade.

Na grande cidade de Guatemala, está em curso também uma campanha conjugada com ministros e leigos. Todas as semanas os membros visitam os bairros e vilas próximos ao centro. O pastor Efraim Murillo, obreiro distrital ali, escreve que numa pequena cidade chamada Sinaca, dois rapazes, chamados respectivamente Fritz Foldvary e Carlos Morales demonstraram tão grande interesse a ponto de pessoas do local os ameaçarem com pedras se continuassem pregando no lar de uma família interessada.

Durante a última assembléia em San Salvador, El Salvador, fui apresentado a um jovem por nome Napoleão Cruz. Fôra batizado há quatorze anos. Mas não foi senão há cerca de quatro anos que sentiu que devia apresentar a mensagem a outros. Com a Bíblia

na mão ia de lugar em lugar ensinando a verdade. Pregou pela primeira vez a verdade em Rinconada, El Salvador, e ergueu uma igreja com vinte e nove membros. Presentemente êle é o ancião da igreja. Nos últimos dois anos e meio, sessenta e três almas foram batizadas ali. Hoje mais dezesseis estão na classe batismal.

Sabendo que êle é lavrador com oito filhos, perguntei-lhe como achava tempo para tão intensa atividade missionária. Disse-me que não podia fazer outra coisa, porque o Senhor muito cedo vem. Pratica a agricultura para sustentar a família e a si próprio, ao mesmo tempo que faz a obra mais importante, a que consiste em pregar a verdade de Deus.

Há algum tempo, dois ministros de outra denominação lhe pediram para deixar a cidadezinha em que êle estava trabalhando. Disseram que estavam lá antes dêle, e que causava muita perturbação entre o povo. Respondeu: "Deus não limitou meu território para pregar. Êle disse 'Ide por todo o mundo'". Êste é o espírito de nossos ministros e obreiros leigos na União Central Americana. Convidamos-vos também a vos unirdes à grande cruzada evangelística, não permitindo que nada absorva vossa atenção.

Que Deus nos possa dar uma visão real de nossa posição no mundo, e de nosso privilégio. Que Deus nos ajude para que também não sejamos desobedientes à visão celestial!

1. Atos 26:19
2. S. João 3:16
3. S. Lucas 19:10
4. S. Lucas 15:10
5. Test. for the Church, vol. 7, pág. 52
6. A Ciência do Bom Viver, pág. 398
7. Obreiros Evangélicos, pág. 18
8. Test. for the Church, vol. 5, pág. 614
9. Idem, pág. 456
10. S. Marcos 16:15
11. Test. for the Church, vol. 2, pág. 336

Compreender e Resignar-se

D. C. PRENIER

Departamental da União Central Americana

Durante os primeiros meses que estivemos no campo missionário, aprendi duas lições realmente úteis, que me foram tranquilizadoras e confortantes, não somente num tempo verdadeiramente crítico de adaptação inicial, mas também depois no decorrer de muitas crises de maior vulto nos anos que se seguiram.

O próprio tempo é um transcorrer enfadonho quando as semanas se arrastam vagorosamente pelos meses, e a família continua não estabelecida, aguardando residência para nela se instalar. Nosso estranho mundo se nos afigurava na verdade excêntrico e lúgubre, mesmo agora quando o recordamos!

Não tínhamos escolha a fazer a não ser fi-

xarmos residência e acomodar-nos num bairro sem atrativos de uma grande cidade, e ficarmos apertados no interior de um velho edifício onde nós e outras famílias descobrimos que havia sensível falta de intimidade e liberdade. Embora o edifício que nos alojava tivesse muitos corredores a céu aberto, quase não tinha janelas, e não seria exagero dizer que seu interior assemelhava-se a um conjunto de celas como são dispostas numa penitenciária moderna. Acrescente-se a isto, as circunstâncias imediatas daqueles primeiros dias a exigirem nossa permanência em casa a maior parte do tempo.

(Continua na pág. 22)



E VANGELISMO DA SAÚDE

Obstruções Mentais

M. DOROTHEA VAN GUNDY

Nutricionista da Fundação Internacional de Pesquisa em Nutrição.

RETORNANDO de um recente acampamento no Arizona, eu e alguns amigos topámos com uma barricada interceptando a estrada, a poucas milhas da cidade de Blythe, na Califórnia. O funcionário da rodovia perguntou para onde íamos, ao que respondemos:

— Para Riverside, Califórnia.

— Vocês não poderão ir lá esta noite — disse êle.

Fomos informados de que houve grande inundação que alagou duas pontes. Esperava-se que as providências para normalizar o tráfego só estivessem prontas na tarde seguinte. Contávamos estar em casa aquela noite, porém tivemos que voltar a uma estalagem para automobilistas em Blythe.

Esta experiência me fez pensar sôbre as barricadas da mente e como afetam nosso progresso no campo da nutrição. Um dos meus passatempos preferidos consiste em conversar com pessoas acêrca de seus hábitos alimentares, coisas de que gostam e não gostam, bem como suas idéias sôbre a alimentação. Nestas palestras encontro obstruções mentais a indicarem que muitas pessoas não podem ou não querem aperfeiçoar-se nesse domínio especial. Estas obstruções são frequentemente formadas na infância através de certas experiências que impunham hábitos e motivam reações para com o alimento por toda a vida adulta.

Na publicação *United States News* de 14 de fevereiro de 1958, um general-médico do Exército Americano é citado, dizendo: "Quanto menos prova houver, mais firme é o preconceito". Isto é particularmente exato em relação à alimentação.

Façamos uma análise das poucas obstruções mentais que se erguem no caminho do progresso que objetiva um programa de melhor alimentação. Eles frequentemente privam as pessoas de fruírem a alimentação como uma boa aventura, e também se transformam em desculpas pela sua falta de auto-domínio e precários hábitos alimentares.

1. São necessários três refeições diárias para a boa alimentação? Acham alguns que duas refeições por dia são o suficiente. Isto é uma obstrução mental que deve ser removida. Se fizésseis uma observação na

América descobriríeis que uma grande porcentagem de seus habitantes seguem o plano de duas refeições diárias, almoço e jantar, privando-se do desjejum.

Estando presente a uma reunião popular sôbre saúde, ouvi o orador dizer que acabara de descobrir um segredo de saúde que valia um milhão de dólares aos seus alunos se quisessem pô-lo em prática. Anunciou tal segredo de saúde com tal firmeza que quase todos nós ficámos na extremidade do assento com receio de não o ouvirmos. Então êle disse aos presentes que comessem um bom desjejum e uma boa refeição ao meio-dia e omitissem o jantar, ou pelo menos o restringissem ao mínimo — um pouco de caldo, chá de ervas ou fruta fresca.

Por favor, não fiquéis com a idéia de que advogo que todos devem omitir a refeição da noite. O que pretendo é destroçar essa obstrução mental que diz ser fanatismo a omissão do jantar.

2. Algumas pessoas costumam comer coisas que levam açúcar, ou comem açúcar puro, pensando que lhes fará bem. Na realidade, porém, qualquer açúcar concentrado, incluindo o mel e o melado deve ser usado em quantidades mínimas.

3. Outra obstrução mental que fazemos muitos parar no caminho que leva à maturidade nutricional é a idéia de que as proteínas vegetais são inferiores às animais. Isto não é verdade, mas é assunto demasiado vasto para ser tratado aqui, e será considerado num artigo especial.

Há pessoas alérgicas ao leite e aos ovos, e quando estas coisas são incluídas em seu cardápio, tornam-se doentes. Admite-se geralmente que, quando uma pessoa é alérgica a êsses alimentos, podem, mediante cuidadoso planejamento, conseguir alimentação adequada composta de uma variedade de alimentos.

4. Se uma pessoa tendo investigado o fornecimento de leite e ovos em sua localidade e não está satisfeito com êle, e deseja substituir por alimentos que não são perigosos para a saúde, deve ser considerada como fanática, ou é isto outra obstrução mental?

Bem faremos em considerar a seguinte citação do Dr. R. R. Harris, professor de nu-

trição, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts:

O homem pode estabelecer seu regime alimentar com ampla variedade de alimentos. A boa nutrição não se mede necessariamente por comer quantidades prescritas de arroz, trigo, milho, ovos, carne, leite, e outros alimentos similares. A boa nutrição ocorre quando o indivíduo obtém as porções adequadas de aminoácidos, vitaminas, sais minerais e calorias requeridas para satisfazer suas necessidades para o crescimento e subsistência. Não importa se o cálcio provinha do leite ou de um precipitado de maiseína, se o ferro provém da carne ou de outras fontes, se a niacina provém do fígado ou do amendoim, se o triptofânio provém dos ovos ou do feijão soja, se as calorias provém do trigo ou do arroz, contanto que estas substâncias nutritivas estejam à disposição.

5. Outro falso conceito que as pessoas têm em relação à alimentação é que se o alimento é apetitoso para alguém supõe-se que não seja gostoso — a mocinha resumiu esta teoria ao dizer:

— Quanto mais gostoso isto é para você, é mais objetável ao meu paladar.

O que muitos deixam de compreender é que, nove vezes em dez, a primeira vez que entra em contacto com um novo alimento, êle não é saboroso. Contactos repetidos com o novo sabor, contudo, desenvolverão uma preferência por êle. Pensai em quantas experiências necessitastes com as azeitonas e abacates antes que se desenvolvesse o gosto por êles.

Julgam muitas pessoas que o melhor alimento para elas é o de que gostam mais, que sempre o querem e na quantidade que desejam. O apetite à rédeas soltas é um mau guia.

O temor de ser considerados fanáticos, faz que muitos evitem de ser cuidadosos com sua máquina humana, especialmente quanto ao comer. Ouvistes alguma vez, que o dono de um cadilque fôsse considerado fanático por demonstrar o melhor cuidado possível para com seu carro? É estranhável que a maioria de nós tenha mais cuidado de um automóvel do que com a possessão mais valiosa — nossa saúde.

Agora que mencionámos a palavra “fanático”, vejamos as definições. “Alguém que é intemperantemente zeloso, ou desregradamente extravagante acêrca de uma idéia.” Com relação aos alimentos, um “fanático de alimentação” seria alguém intemperantemente zeloso sôbre algum alimento especial ou programa alimentar. A intemperança não tem lugar num programa de boa saúde.

Deus estabeleceu certas leis que governam o corpo humano, e deu instruções específicas para o viver sadio. É um programa equilibrado. *O que comemos, ou como e quando comemos* não recebem mais preeminência do que outros hábitos de saúde como o repouso, o exercício e outros pontos da saúde. Na ver-

dade faz pouca ou nenhuma diferença o que vós ou eu pensamos, acêrca do *que* ou *como* comemos; mas *há* grande diferença quanto ao que Deus diz sôbre isso. Deu Êle na Bíblia os grandes princípios da conduta que governa o cuidado do corpo. Estes mesmos princípios são ampliados e pormenorizados nos escritos de Ellen G. White.

Há tanta ignorância, propaganda e preconceito concernente à alimentação que difícil é para alguém conhecer a verdade sôbre o assunto.

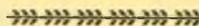
Algumas pessoas extremamente cuidadosas acêrca do que comem, aparentam ser tão desprovidas de saúde que os outros, muitas vezes, têm a idéia de que, quem seguir um bom programa nutricional não se demonstrará sadio e disposto. Isto não é verdade. Seguindo um tal programa, a pessoa se mostra e se torna melhor, como os três hebreus se apresentaram corados ao rei Nabucodonozor, depois de dez dias.

É verdade que muitas pessoas cuidadosas em matéria nutricional são tudo, menos de aparência sadia. Em muitos desses casos, a investigação demonstrará que eram enfermas de nascença, e devido a seu programa de saúde, viveram anos além da normal expectativa.

Julgam alguns que, melhorando seu programa nutricional, possivelmente não possam regalar-se com alimentos saborosos como o faziam outrora. Isto é também uma barreira mental que precisa ser removida. Diz Ellen G. White:

Deus supriu o homem de abundantes meios para a satisfação do apetite natural. Distribuiu diante dêle, em produtos da Terra, uma generosa variedade de alimentos agradáveis ao paladar e nutritivos para o organismo. Dêste nosso benevolente Pai celestial diz que podemos “comer livremente”. Podemos apreciar as frutas, verduras, cereais, sem violentar as leis do nosso ser. Estes produtos, preparados da maneira mais simples e natural, nutrirão o corpo e preservarão seu vigor natural. — *Test. for the Church*, vol. 3, pág. 50.

Acabamos de considerar apenas uns poucos obstáculos mentais em relação aos alimentos e à nutrição. Nosso programa completo deve ser estudado com a mente aberta. É tempo de elaborarmos uma modelagem mental, demolindo as obstruções da estrada, e estudando as informações que Deus nos deu. Em artigos futuros espero dar informações concretas que possam ser úteis a vós e à vossa família em conseguir a maturidade nutricional, e que vos ajudem a combater as informações errôneas que encontrais.



Mudanças de Obreiros

W. A. MURRAY

MUITO evidente é que em certos lugares e especialmente em se tratando de obreiros jovens, há demasiadas mudanças. Sei de lugares em que o obreiro foi mudado depois de ali estar apenas seis meses. Noutros, são removidos depois de um ano ou dois.

Conheci um diretor de colportagem que dizia não estar mais de dois anos no mesmo lugar. Devo dizer que esse homem já faz muitos anos deixou de ser diretor de colportagem, pois os administradores e obreiros de mais critério verificaram que êle não produzia muito. Era um excelente obreiro, que possuía condições notáveis para o trabalho, mas não era estável; ao cabo de dois anos já se ia para outro lugar. Desta maneira a organização perdia o que o homem teria podido produzir se permanecesse em seu lugar de trabalho. A estabilidade dos obreiros tem muita importância para a obra de Deus. Geralmente o obreiro somente depois de haver passado um ano em certo lugar está em condições de conhecer seu território, bem como as pessoas com as quais trabalha. A eficiência humana alcança seu maior grau, conhecendo a fundo estes fatores. Portanto, somente depois de seu primeiro ano de trabalho está o obreiro em condições de dar resultados definidos.

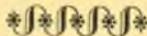
Em geral, o segundo ano do trabalho de um pregador rende os melhores frutos, tanto na fase pública como na pessoal. Será fácil, pois, apreciar o que perde a organização se o obreiro é transferido antes de seu segundo ano. Em termos gerais, pensamos que um pastor deve permanecer em um mesmo lugar de quatro a cinco anos. Há quem creia que este lapso de tempo deva ser a um ano, mas dado que contamos com número limitado de obreiros, muitas vezes nos vemos na necessidade de deixá-los em um lugar durante menos tempo do que se tivéssemos uma quantidade maior deles.

Transferir um obreiro de um lugar para outro antes que possa realizar trabalho sólido, constitui uma perda para a organização. Os frutos do trabalho de um evangelista ou pastor dependem do fator tempo. Trabalhar com mentes e corações humanos requer certo compasso de espe-

ra. As decisões a favor de Cristo obtêm-se somente depois de longas e árduas lutas espirituais. A tarefa de formar uma congregação é trabalho que requer tempo. A edificação de um templo é alguma coisa mais complexa do que parece e também leva tempo. Para treinar uma congregação na atividade missionária tendente a ganhar almas, é necessário tempo. Se transferimos os obreiros de um lugar para outro com demasiada frequência, todos esses trabalhos ficam interrompidos, e muitas vezes também malogrados.

Também tem que ser tomada em consideração que o obreiro que é transferido duas ou três vezes antes de poder realizar um trabalho de caráter permanente nos lugares em que lhe tocou atuar, sentir-se-á falto de confiança no mesmo, desmoralizado e perderá toda a iniciativa. Ao ter em conta a ordenação de algum obreiro, buscamos os resultados definidos de seu trabalho. Mais de uma ordenação foi prostergada devido a ausência destes resultados, havendo-nos nós inteirado mais tarde de que não lhe havia sido possível fazer coisa melhor devido às freqüentes mudanças que lhe interromperam a ação ganhadora de almas. O homem permanece em um lugar o tempo suficiente para construir um edifício de igreja, formar uma congregação e treiná-la na atividade missionária, preparar uma oficialidade que saiba arcar com as responsabilidades da igreja, estabelecer uma escola primária, etc., etc., é obreiro mais forte que outro que não haja podido realizar obra sólida e de valores reconhecidos.

Nada há tão animador para o ser humano como poder lançar um olhar retrospectivo e ver que efetuou tarefas difíceis e duras, pois isto o ajuda a enfrentar com valor o presente e fazer grandes coisas para o Senhor. Eu quisera apelar a todos os nossos administradores para que na medida do possível façam planos que tenham em conta os princípios aqui expostos. Reconhecemos que há emergências a que é preciso fazer frente e às vezes sem outra alternativa além de transferir algum obreiro novo, mas tratemos de reduzir ao mínimo as transferências.



Compreender e . . .

(Continuação da pág. 18)

Num ambiente como êste, compreende-se como seria fácil irritar-se por qualquer dá cá aquela palha, tornando-se a contrariedade mais insignificante coisa avolumada a trazer inquietação geral.

Certo dia, uma delicada senhora que rapidamente conquistara nossa amizade, veio visitar-nos, trazendo consigo um pequeno pé de cravo, já desenvolvido numa pequena lata com terra. Acima de qualquer outra circunstância, êste obséquo parecia apenas algo de cortês e delicado. Naquele ambiente, porém, esta pequena dádiva constituía uma estimada posseção do mais raro encanto e prazer, que nos cativou a simpatia e nos alegrou o coração, como nada o fizera em muitos longos dias!

Minha espôsa irrigou a planta e colocou-a fora da porta de nossa "cela", num terraço onde dava o Sol certas horas do dia, e poderia apressar o desabrochar do único botão do craveiro. Tudo em que poderíamos pensar no momento era nos sentimentos delicados de nossa bondosa amiga, e nossa ânsia para que a flor abrisse e revelasse sua beleza e fragrância.

Apenas alguns minutos se passaram, o travêso papagaio do vizinho veio direto ao nosso presente, pousou na borda da lata, e corôs bicada de seu velho bico.

Êste episódio poderia parecer insignificante a qualquer pessoa (como de fato o é) e o seria para nós também, sob circunstâncias ordinariamente normais. Naquela ocasião, porém, as circunstâncias não eram ordinárias nem nossas reações eram normais. Ao contrário, o incidente se nos afigurava a gôta d'água que fêz transbordar os muitos outros episódios insignificantes anteriores.

Felizmente colocámos a lata com a verde plantinha num lugar mais seguro, esperando que não morresse. Vigiávamos e protegíamos aquêle resto de planta com zelo e esperança até que finalmente veio o dia em que tivemos o prazer genuíno de ver a possibilidade de sobreviver, e mais tarde maior alegria ao descobrirmos não apenas *uma* mas *três* hastes crescidas e cada uma delas com um botão.

Com o tempo os três botões se tornaram três exuberantes cravos, e compreendi que êste desenvolvimento ocorreu, não *apesar* do espantoso papagaio, mas *por causa* dêle e do que fizera.

Algum tempo depois, nossa planta não mais existia, e tôdas as insignificantes irritações que envolveram os seus primeiros dias de existência foram esquecidas; muitos problemas reais e de importância transcendente sobrevieram à medida que nossas possibilidades aumentavam. Elas naturalmente requeriam maior estatura de caráter, e digo com gratidão que a luta indormida desta pequena flor para sobreviver contra as sombrias vicissitudes, revelou-me quanta beleza e fragrância podem multiplicar no caráter do homem, não *apesar* das muitas humilhações desnecessá-

rias e injúrias imerecidas, mas realmente *por causa* de se ter que sofrê-las.

Em qualquer campo, na ascensão do obreiro pela íngreme escada do êxito não é sempre tão segura nem tão fácil a subida contra a gravidade como a princípio poderia parecer lá dos primeiros degraus. Durante a penosa ascensão, o obreiro (ou obreira) diligente e abnegado terá muitos encontros com algum "travêso papagaio" que fará ousadas tentativas em assacar injúrias pessoais para se suportar, pelo rumoroso cortar com seu "velho bico"!

Em qualquer campo missionário, porém, seja no país ou além-mar, o Senhor, em Sua infinita graça, freqüentemente permite que experimentemos inquietantes provações, a fim de preparar-nos para as maiores aflições ainda por vir. Sua disciplina encoberta é sempre genuína bênção para evitar que o joio do orgulho e do egoísmo e amor ao aplauso brotem no coração. Ervas daninhas que com rapidez e segurança tornam o caráter de Sua própria sementeira oculto, apequenado e, na realidade, destruído.

A segunda experiência que nos ajudou no decorrer de nossos primeiros dias em nosso novo campo de trabalho constituiu outra bela ilustração da Natureza, que ocorreu mais tarde, ou depois que nos mudámos para uma casa pequena simples em que havia janelas por onde admirávamos a paisagem.

A distância, as montanhas pareciam falarnos em pensamentos de serena inspiração e majestosa grandeza. Aquêles picos grandiosos e imutáveis contra a tela sempre cambiante do céu tropical, estavam adornados e protegidos pelas florestas magníficas e profusas. De tôdas as árvores visíveis, as mais proeminentes eram, certamente, aquelas que decoravam as mais altas cristas dos montes. Tôda sua silhueta aparecia de modo nítido e desobstruído contra a luz do dia. Estas árvores não eram as mais altas nem realmente melhores do que outras da mesma floresta. Sua distinção, contudo, ocorria indisputavelmente devido a alta posição.

Ao compararmos estas árvores que se situavam em lugares elevados, com os nossos homens designados por Deus, aos quais Êle separou para carregarem as responsabilidades colossais no cume de Sua divina obra na Terra, precisamos nos lembrar e reconhecer que êstes dirigentes são relativamente poucos em número, em comparação com a grande floresta de outros obreiros que estão no pôsto do dever em todos os menores setores de serviço. Usamos com freqüência e facilidade a expressão "êle está colocado em alta posição". Não é senão o caso de uma árvore que está no tôpo da montanha. É o cimo do monte que a sustém. Temos, portanto, todos que prestar nossa colaboração leal e a devida estima às elevadas posições em que nossos dirigentes foram colocados.

Falando humanamente e de modo geral, nossos irmãos que dirigem não são superiores em estatura física ou em dons elevados. Contudo compreendemos e reconhecemos que possuem certos atributos acima da média, atributos de

CONSELHO - do Espírito de Profecia



“O TEMPO é breve, e nossas forças têm que ser organizadas para produzirem uma obra maior.” — *Test. Seletos*, vol. 3, pág. 295.

“Tão vasto é o campo, tão compreensivo o designio, que todo coração santificado será levado para o serviço, como instrumento do poder divino.” — *Idem*, pág. 308.

“Onde quer que se estabeleça uma igreja, todos os membros se devem empenhar ativamente em trabalho missionário. Devem visitar tôdas as famílias da vizinhança, e conhecer suas condições espirituais.” — *Serviço Cristão*, pág. 12.

“O melhor auxílio que os ministros podem prestar aos membros de nossas igrejas não é sermoneando, mas planejando trabalho para eles. Incumbir a cada um de fazer alguma coisa em favor de outros.” — *Testimonies*, vol. 6, pág. 49.

“O grande derramamento do Espírito de Deus, que ilumina a Terra tôda com Sua glória, não virá enquanto não tivermos um po-

vo esclarecido, que conheça por experiência o que significa ser cooperador de Deus. Quando tivermos uma consagração completa, de todo o coração, ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá êsse fato mediante um derramamento, sem medida, de Seu Espírito; mas isso não acontecerá enquanto a maior parte dos membros da igreja não forem cooperadores de Deus.” — *Idem*, pág. 253.

“O ministro e os membros da igreja devem unir-se como uma só pessoa em trabalhar para o erguimento e prosperidade da igreja. Todo aquêle que fôr fiel soldado no exército do Senhor será obreiro fervoroso, sincero e eficiente, que trabalha para o avançamento dos interesses do reino de Cristo. Que ninguém venha a dizer ao irmão que trabalha zelosamente: ‘Você não deve fazer a obra do Senhor; deixe-a para o ministro.’ Muitos membros da igreja têm sido privados da experiência que deveriam ter, porque prevaleceu o sentimento de que o ministro deve fazer tôda a obra e suportar tôdas as cargas. . . .

caráter e aptidões que Deus escolhe para as responsabilidades acima das médias na estrutura da nossa organização; de outra forma não estariam eles “à altura”. Tal como se dá no caso das árvores que estão no cimo, o mesmo pico alto não poderia permanecer o mesmo sem a existência das sentinelas que o protegem.

Mais abaixo nas encostas, a maior parte das árvores da floresta da montanha fruem o privilégio de deitar as raízes num solo mais seguro e mais aluvional. Fruem maior abrigo e sobrevivência face a violentas tempestades e terríveis vendavais que assolam as alturas acima delas; também seu parentesco é mais complacente com a multidão de outras árvores similares ao seu redor. Mais delicioso é o orvalho estimulante e as primaveras que refrescam abundantemente a encosta, e muitos são outros deleites que poderiam ser mencionados, que a flora e a fauna dos jardins suspensos da Natureza proporciona neste intacto domínio que está embaixo.

Portanto, caro irmão e côobreiro, se vos achais aspirando tornar-vos preeminente na sagrada causa de Deus apenas por vos tornardes saliente, é melhor aconselhar-vos e primeiramente ponderar o custo de uma vida exclusivamente tempestuosa “lá em cima” naquelas alturas varridas pelos ventos. Demasiado cedo compreendereis que, ao invés de

vos achardes na plataforma da admiração popular que vem da platéia abaixo, é ela a sentinela ou pôsto de observação, uma impiedosa e interminável exposição.

Demasiadas vêzes temos visto uma “árvore” da plantação do Senhor a quem se permitiu crescer no coração volúvel ambições indevidas. Seu caráter não estava fortemente enraizado no terreno sadio da piedade abnegada. Então quando se desencadeou a luta da tempestade e do dilúvio, foi removido de seu lugar, porém não para cima. Não! Ao contrário, foi rapidamente carregado para baixo no avalanche irresistível de pedras que rolam e destroços de terra que se desintegra, levando com êle outras árvores próximas e injuriando gravemente a outras que permanecem firmes. Onde outrora permaneciam tão orgulhosos, apenas se vê uma penha feia e nua no verde panorama que não pode ser restabelecido logo ou facilmente restaurado.

Que todos nós, portanto, ocupemos com contentamento santificado e boa vontade o lugar, embora humilde, monótono ou difícil em que o Senhor do Céu e da Terra nos colocou, até ao dia de Sua vinda, se Êle assim o quiser. Todos sabemos que está muito próximo aquêle dia em que Êle nos tomará consigo para aquela abençoada terra edênica em que haverá lugar para todos, no eterno lar paradisíaco que nos aguarda lá no outro lado.



NOSSA LÍNGUA

Emprego dos Tempos dos Verbos - II

Pretérito Perfeito

PROSSEGUINDO nosso estudo meticoloso sobre o correto emprego dos tempos verbais, indispensável à expressão escorreita, elegante e vernácula, começaremos com outra forma de passado, o tempo denominado *pretérito perfeito*. Esse tempo é dos que menos dificuldade oferecem, porquanto indica uma *ação completamente acabada*, um fato perfeitamente passado. Ex.: *Ontem estudei logo de manhã a lição da escola sabatina, e a seguir fiz minha devoção matinal. Fui à Associação a semana passada. Visitei o irmão Neves hoje cedo.*

Fácil é estabelecer-se a diferença entre as duas formas de pretérito, o imperfeito e o perfeito. Ao passo que o passado imperfeito *não determina* o momento em que começa ou em que termina a ação duradoura ou repetida, o passado perfeito, pelo contrário, refere a ação *como tendo ocorrido* em certo momento ou durante um período definido. Vamos dar um exemplo dessa diferença: 1º caso: Quando me *encontrava, elogiava-me e falava-me* de seus planos. Entende-se que tôdas as vezes que me encontrava, êle costumava elogiar-me e dizer de seus planos; 2º caso: Quando me *encontrou, elogiou-me e falou-me* de seus planos. Quer dizer que, na ocasião em que me encontrou, fêz-me um elogio e falou-me a respeito de seus projetos. *Pregava* muito bem (indica uma ação contínua, de quem costumava fazê-lo bem sempre). *Pregou* muito bem (indica que o fêz num determinado dia, ou em certo sermão ouvido).

Pretérito Mais Que Perfeito

No emprego dêsse tempo há três casos a considerar:

1. Emprega-se o passado *mais que perfeito* para indicar uma coisa passada anteriormente a outra também passada. Ex.: O ladrão foi preso porque *assaltara* a joalheria. Êle foi ordenado ministro porque *fizera* o teológico e *fôra* obreiro durante cinco anos. Êle recusou o folheto que o nosso irmão lhe *oferecera*. Tal é a forma correta do emprego do mais que perfeito.

2. Os escritores clássicos empregavam comumente o mais que perfeito do passado para substituir o imperfeito do subjuntivo e do condicional. Ex.: Senhor, se Tu *houveras* [em

vez de *houveresses*] estado aqui, não *morrera* [em vez de *morreria*] meu irmão (*E. C. Peireira*). Se te *atreveras* a tanto [em vez de *atreveresses*]! Se tu *conheceras* o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber... (Bíblia).

3. Também se emprega o pretérito mais que perfeito para denotar um desejo forte. Ex.: Quem *dera* que êle se convertesse! Eu *quisera* retornar à minha infância.

Como se vê, o emprego dêsse tempo verbal é um pouco complexo. Há muitos que abusam dêle, empregando-o a torto e a direito, mesmo quando não é indicado. Uma maneira certa de não se equivocar no emprego do passado mais que perfeito, é fazê-lo quando êle possa ser substituído pelo *mais que perfeito composto*. Ex.: Êle *tinha tentado* [tentara] inutilmente subir pela escada. Depois que *tinha apresentado* [apresentara] as credenciais.

Pode-se com isso perder boas oportunidades de empregar êsse tempo, mas, em compensação não haverá o risco de errar.

Pretérito Perfeito Composto

Esta forma verbal indica:

1. Repetição ou probabilidade de continuação de uma coisa inteiramente passada em tempo *não determinado*. Ex.: *Tenho-lhe mandado* diversos recados. *Tenho notado* muito tua falta. *Tenho dado* muitos estudos bíblicos. Êle *tem recebido* felicitações. *Tenho acompanhado* seus artigos.

2. Uma ação passada em tempo determinado, porém não acabada. Ex.: *Tem chovido* muito nestes dias. *Tenho estado* ocupadíssimo tôda a semana.

3. Também é empregado êsse tempo, por ênfase, para substituir o pretérito perfeito, ao confirmar uma ordem, ou ao terminar um discurso. Ex.: *Tenho dito* [disse]. *Tenho decidido* [decidi] fazer isso.

O verbo é a coluna vertebral da expressão. O seu correto emprego empresta realce ao que se diz, dando-lhe o *acento* necessário. Nada mais deselegante e grosseiro do que o emprego incorreto dos tempos dos verbos, principalmente na expressão falada. Quem se serve do púlpito deve cuidar dessa parte. Não deve esquecer que o expressar correto valoriza a mensagem. — A. B. C.